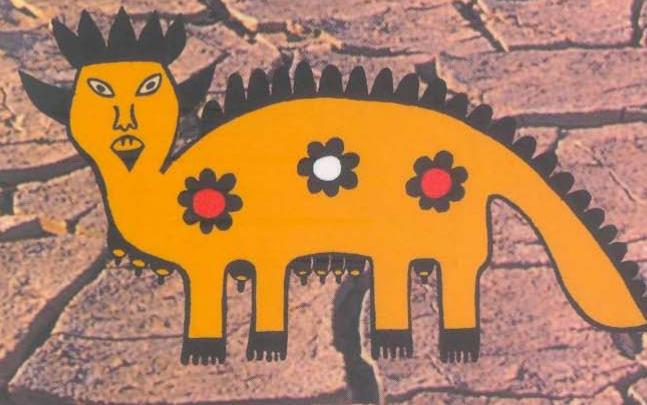


Ariano Suassuna

O Santo
e a Porca



JOSÉ OLIMPIO
EDITORIA

O Santo e a Porca

Ariano Suassuna

O Santo e a Porca

9^a EDIÇÃO

JOSÉ OLIMPIO

EDITORA

© by Ariano Suassuna, 1964

Reservam-se os direitos desta obra à
EDITORAS JOSÉ OLIMPIO LTDA
Rua Argentina, 171-1º andar - São Cristóvão
20921-380 - Rio de Janeiro, RJ - República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Atendemos pelo Reembolso Postal

ISBN 85-03-00716-9

Capa: Isabella Perrotta
Ilustrações: Zélia Suassuna
Foto: Dnayse de Aquino

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Suassuna, Ariano, 1927-
S933s O santo e a porca/ Ariano Suassuna; ilustrações, Zélia
9^a ed. Suassuna. - 9^a ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

Contém dados biobibliográficos
ISBN 85-03-00716-9

1. Teatro brasileiro (Literatura). I. Suassuna, Zélia. II.
Título.

05-0339 CDD 869.92
 CDU 869.0(81)-2

SUMÁRIO

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA 6

OBRAS DO AUTOR 10

NOTA DO AUTOR 13

PRIMEIRO ATO 18

SEGUNDO ATO 45

TERCEIRO ATO 67

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

JOSÉ LAURENIO DE MELO

NASCIDO a 16 de junho de 1927 na cidade de Nossa Senhora das Neves, então capital da Paraíba, Ariano Vilar Suassuna é filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Vilar Suassuna. Contava pouco mais de três anos de idade quando seu pai, que governara o Estado no período de 1924 a 1928, foi assassinado no Rio de Janeiro em consequência da cruenta luta política que se desencadeou na Paraíba às vésperas da Revolução de 1930. Nesse mesmo ano, D. Rita Vilar Suassuna, que se vira obrigada pela falta de segurança reinante em seu Estado a mudar-se para Pernambuco, transferiu-se com os nove filhos do casal para o sertão paraibano, indo instalar-se na fazenda Acahuan, de propriedade da família, e depois na vila de Taperoá, onde Ariano Suassuna fez os estudos primários.

A infância passada no sertão familiarizou o futuro escritor e dramaturgo com os temas e as formas de expressão artística que viriam mais tarde constituir seu universo ficcional ou, como ele próprio o denomina, seu "mundo mítico". Não só as histórias e casos narrados e cantados em prosa e verso foram aproveitados como suporte na plasmatização de suas peças, poemas e romances. Também as próprias formas da narrativa oral e da poesia sertaneja foram assimiladas e reelaboradas por Suassuna. Suas primeiras produções — publicadas nos suplementos literários dos jornais do Recife, quando o autor fazia os estudos pré-universitários no Colégio Osvaldo Cruz e no Ginásio Pernambucano — singularizavam-se pelo domínio dos ritmos e metros cristalizados na poética popular nordestina, toda ela baseada num corpo de regras e cânones codificados e manejados com segurança pelos poetas sertanejos no ardor de um desafio, na composição de um "romance" ou no improviso de uma glosa. Datam dessa época poemas como a gesta dos "Guabirabas" e "A morte do touro Mão-de-Pau".

Em 1946, ao ingressar na Faculdade de Direito do Recife, Ariano Suassuna ligou-se ao grupo de jovens escritores, artistas e estudantes que, tendo à frente Hermilo Borba Filho, Joel Pontes, Gastão de Holanda, Genivaldo Wanderley e Aloísio Magalhães, acabavam de fundar o Teatro do Estudante de Pernambuco. As atividades desse grupo iriam desenvolver-se em três direções: levar o teatro ao povo, representando em praças públicas, teatros suburbanos, centros operários, pátios de igrejas etc.; instaurar entre os componentes do conjunto uma consciência da problemática teatral, através não só do estudo das obras capitais da dramaturgia universal mas também da observação e pesquisa dos elementos constitutivos das várias modalidades de espetáculos populares da região; e finalmente estimular a criação de uma literatura dramática de raízes fincadas na realidade brasileira, particularmente nordestina. A realização desse programa mobilizou artistas, intelectuais e estudantes de todas as áreas. Cumpre destacar os nomes de Capiba (Lourenço da Fonseca Barbosa), José Guimarães Sobrinho, Maria Teresa Leal, Epitácio Gadelha, Ana Canen, Rachel Canen, Milton Persivo, José Lins, Alaíde Portugal, Clênio Wanderley, Dulce de Holanda, Sebastião Vasconcelos, Filadelfa Loureiro, Elaine Soares, Salustiano Gomes Lins, Fernando José da Rocha Cavalcanti, José de Moraes Pinho, Galba Marinho Pragana, Ivan Pedrosa. No TEP, que em seis anos de existência montou, ao lado de

originais brasileiros, peças de Sófocles, Shakespeare, Ibsen, Tchecov, Ramon Sender e Garcia Lorca, encontrou Suassuna o terreno que lhe permitiu descobrir-se a si mesmo como dramaturgo, aproveitar suas potencialidades criadoras e exercitar sua vocação. Escreveu sua primeira peça em 1947, *Uma mulher vestida de sol*, que obteve o primeiro lugar em concurso de âmbito nacional promovido pelo TEP (Prêmio Nicolau Carlos Magno, patrocinado pelo escritor Paschoal Carlos Magno, fundador do Teatro do Estudante do Brasil). No ano seguinte, especialmente para a inauguração da Barraca (nome que o TEP, em homenagem a Lorca, deu a seu palco itinerante), escreveu *Cantam as harpas de Síao*, que foi totalmente refundida muitos anos depois com o título de *O deserto de Princesa*. A estes dois ensaios iniciais seguiu-se *Os homens de barro* (1949), em que as inquietações espirituais exacerbaram os processos expressionistas empregados na primeira versão de *Cantam as harpas de Síao*. As mesmas inquietações estiveram presentes em duas outras peças, *Auto de João da Cruz* (Prêmio Martins Pena, da Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1950) e *O arco desolado* (menção honrosa no concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954). No plano artístico caracteriza esse período a preocupação de conciliar a influência dos clássicos ibéricos, sobretudo Lope de Vega, Calderón de la Barca e Gil Vicente, com os temas e formas hauridos no romanceiro popular nordestino.

O ano de 1955 assinala o início de uma nova etapa na produção de Suassuna. Instado pelos seus amigos de O Gráfico Amador — pequena oficina tipográfica montada no Recife em 1954 por Orlando da Costa Ferreira, Gastão de Holanda e Aloísio Magalhães, que reuniam à sua volta um grupo de pessoas interessadas na arte do livro — a dar-lhes um texto para publicar, Suassuna escreveu o *Auto da Comadecida*, que por ultrapassar as possibilidades editoriais de um prelo manual não foi editado. Encenado dois anos depois pelo Teatro Adolescente do Recife no Festival de Teatros Amadores do Brasil realizado no Rio de Janeiro, o auto, que marcou a guinada definitiva do autor para o gênero cômico, conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais (1957). Sucesso permanente de público e de crítica, o *Auto da Comadecida* inaugurou uma vertente até então inexplorada na literatura dramática brasileira. Está hoje incorporado ao repertório internacional, traduzido e representado em espanhol, francês, inglês, alemão, polonês, tcheco, holandês, finlandês e hebraico. Vieram em seguida *O casamento suspeitoso* (1957), *O santo e a porca* (1957), *A pena e a lei* (1959) e a *Farsa da boa preguiça* (1960), a primeira montada em São Paulo pela Companhia Sérgio Cardoso, a terceira e a quarta montadas no Recife pelo Teatro Popular do Nordeste, fundado em 1959 por Hermilo Borba Filho e o próprio Suassuna, de quem o grupo ainda encenou em 1962 *A caseira e a Catarina*.

Interrompendo aí o trabalho para o palco, Suassuna dedica-se desde então a escrever o *Romance d'A Pedra do Reino*, concebido como primeiro volume da trilogia *A maravilhosa desaventura de Quaderna, o decifrador*. Do conjunto foram publicados apenas *A Pedra do Reino*, editado por esta Casa em 1971 e laureado com o Prêmio Nacional de Ficção conferido em 1972 pelo Instituto Nacional do Livro, e *O Rei degolado* (Rio, José Olympio, 1977). Em 1994 as Edições Bagaço, do Recife, publicam *A história de amor de Fernando e Isaura*, recriação da lenda de Tristão e Isolda e primeira incursão de Suassuna no terreno da prosa de ficção (1956). A retomada da escrita para teatro ocorre em 1987 com *As conchambranças de Quaderna*, encenada no Recife no ano seguinte, e em 1997 Suassuna publica no suplemento "Mais!", da *Folha*

de S. Paulo, A história de amor de Romeu e Julieta, peça baseada em folhetos populares do Nordeste.

Até recentemente havia, porém, uma parte da obra literária de Suassuna que permanecia inédita em sua quase totalidade e conhecida apenas por um pequeno grupo de amigos, e que, no entanto, é tão importante quanto suas peças e romances: a poesia, onde reside talvez o núcleo de tudo mais. Poesia que vista em conjunto constitui uma complexa narrativa mítico-dramática balizada pelo diálogo com poetas antigos e modernos, eruditos e populares, num arco que se estende de Homero e Dante a Manuel Bandeira e ao cantador Manuel de Lira Flores. Reunida no volume *Poemas*, publicado em 1999 pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco, a poesia de Suassuna tem suas matrizes esmiuçadas pelo prof. Carlos Newton Júnior, organizador da edição e autor do ensaio *O pai, o exílio e o reino*, também editado pela UFPE em 1999.

Os elementos que haviam marcado o começo da carreira literária de Suassuna foram ao longo dos anos passando por um processo natural de depuração e amadurecimento e acabaram por definir os rumos de sua obra. O compromisso entre a reelaboração do material de origem popular e o refinamento dos meios de que dispõe um escritor culto, no pleno domínio dos recursos de seu ofício, são responsáveis pelo difícil equilíbrio alcançado por Suassuna nos pontos culminantes de seu teatro. E isto é o que lhe garante a comunicação com as platéias do mundo inteiro, comunicação direta, imediata, cujos veículos são a simplicidade dos entrechos, o diálogo incisivo, a comicidade irresistível das situações, a concepção do jogo cênico e do texto como abertura para um teatro antiilusionista, e uma visão religiosa da vida que o seu ideário pessoal embebe de humanismo cristão e de esperança.

Formado em Direito e Filosofia, Ariano Suassuna é casado com a artista plástica Zélia Suassuna (cujos desenhos ilustram este volume). É pai de seis filhos e avô de muitos netos. Autor de numerosos ensaios sobre poesia, música, pintura, gravura, escultura, continua a ser um agitador cultural que congrega em torno de suas iniciativas poetas, pintores, gravadores, escultores, músicos e dançarinos. Aposentado como professor da Universidade Federal de Pernambuco, inventou as aulas-espéctaculos que lhe permitem estar em contato com estudantes de todo o Brasil.

Do homem, ou melhor, do personagem Ariano, traçou seu amigo Hermilo Borba Filho um perfil que não nos furtamos a reproduzir aqui: "Magro e alto, de uma coerência extremada, radical em suas opiniões, é precisovê-lo numa discussão com amigos (com inimigos basta que se leiam os seus artigos): zombeteiro, argumentador, desnorteante, irreverente. Vive, com a maior convicção, o preceito de Unamuno de que o artista espalha contradições. É capaz de destruir o argumento mais sério com uma piada ou sair-se com um problema metafísico dos mais angustiantes numa conversa ligeira. Tem horror aos aparelhos modernos — enceradeira, vitrola, televisão, rádio, telefone —, considerando-os coisas do demônio. Gostaria de crer em Deus como as crianças crêem, mas crê com angústia, fervor e perguntas. Não vai a reuniões oficiais, jantares, coquetéis, espéctaculos, mas amanhece o dia num bate-papo ou ouvindo repentinistas. Tem pavor de avião e se martiriza com uma alergia que lhe dá comichões no nariz. Seu caráter é ouro de lei, e embora o negue, esforça-se para amar os inimigos, como manda o Evangelho. Pode, pessoalmente, atacar um amigo, mas defende-o de público até com armas na mão. A arte e a religião são por ele encaradas de maneira fundamental" (DECA, revista do Departamento de Extensão Cultural e

Artística da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, Recife, ano V, nº 6, 1963, p. 7).

Rio de Janeiro, outubro de 1973 / março de 2002

OBRAS DO AUTOR

- É de tororó* (em colaboração com Capiba e Ascenso Ferreira). Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1950.
- Ode*. Recife, O Gráfico Amador, 1955.
- Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro, Agir, 1957.
- O casamento suspeitoso*. Recife, Igarassu, 1961.
- Uma mulher vestida de sol*. Recife, Imprensa Universitária, 1964.
- O santo e a porca*. Recife, Imprensa Universitária, 1964.
- A pena e a lei*. Rio de Janeiro, Agir/INL, 1971.
- Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971 (Prêmio Nacional de Ficção do INL/MEC, 1972).
- Iniciação à estética*. Editora Universitária, UFPE, Recife, 1972.
- Farsa da boa preguiça*. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- Seleta em prosa e verso* (contendo quatro peças inéditas). Organização, estudo e notas do prof. Silviano Santiago. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL-MEC, 1975.
- História d'o Rei degolado nas catingas do sertão — Ao sol da onça Caetana*. Livro I. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.
- História do amor de Fernando e Isaura*. Edições Bagaço, Recife, 1994.
- Poemas*. Editora Universitária, UFPE, Recife, 1999.

O SANTO E A PORCA

Imitação Nordestina de Plauto



A peça *O santo e a porca* foi montada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Dulcina, em 1958, pelo Teatro Cacilda Becker, sob direção de Ziembinski, sendo os papéis criados pelos seguintes atores:

CAROBA
Cleyde Yaconis

EURICÃO ARÁBE
Ziembinski

PINHÃO
Rubens Teixeira

MARGARIDA
Cacilda Becker

DODÓ
Fredi Kleemann

BENONA
Kleber Macedo

EUDORO VICENTE
Jorge Chaia

Ao maior poeta do Brasil,
Carlos Drummond de Andrade,
que acolheu esta peça, quando
de sua estréia, com tão generosas
palavras, com toda admiração
e estima do Autor.

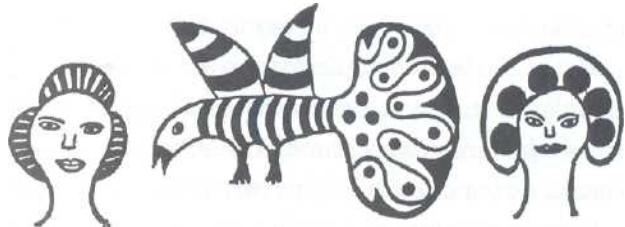
Despojado como um pária,
na nudez seca de Jó,
liberto da indumentária,
como está só!

("Homem tirando a roupa")

Pedras de sangue e choro
maculam a vertente.
Em que invisível foro
rege um juiz ausente?

("Colônia")

(Em *Viola de bolso*,
de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)



SERÁ QUE UMA OBRA DE ARTE *precisa mesmo de explicações do autor para enfrentar o público?* Será que a visão que o autor tem de sua obra não é a mais deformada de todas? Não sei, mas acredito que é muito difícil, sem traição a ela, explicar ou ordenar os múltiplos aspectos e sentidos que tem — ou pelo menos deve ter — uma peça de teatro. O fato é que a peça é um tumulto, e as opiniões que se formam em torno dela é outro; o que, de certa forma, nos autoriza a procurar, na medida do possível, um sentido para aquilo que talvez nenhum sentido claro possua.

Com isso, não quero dizer que, ao escrever a peça, tenha conseguido fazer tudo o que pretendi ao imaginá-la. E quem o consegue? A obra que se apresenta ao público, qualquer que seja ela, é o resultado de duas derrotas: a primeira, porque o artista jamais conseguirá se equiparar à mobilidade, à vida, à riqueza, à contínua invenção da realidade; a segunda, porque depois de inventar sua obra — que não é senão uma tentativa de resposta domada, clarificada e ordenada ao que o mundo contém de feroz, de disperso e selvagem — nunca consegue ele imprimir na obra tudo o que desejou e entreviu no momento da criação.

Mal saído dessas duas derrotas, o artista entrega a obra ao público e à crítica. E ei-lo diante de algo misterioso, terrível e perturbador, porque absolutamente imprevisível. Às vezes, a obra é aceita pelo público e recusada pela crítica, às vezes acontece o contrário, às vezes ambos se juntam, a favor ou contra. Às vezes, depois de um julgamento que parecia definitivo, ambos se arrependerem.

Na maioria dos casos, porém — e isso é, para mim, o mais incompreensível —, tanto o público como a crítica se dividem. Uma vez, um amigo me mandou um recorte de jornal com o resultado de uma estatística dessas que certas organizações costumam fazer com inquéritos, junto ao público, na saída dos espetáculos. O resultado foi, para mim, algo surpreendente e terrificante. Eu nunca vira nenhuma delas; aceitaria de bom grado que as opiniões fossem unâimes, contra ou a favor. Mas nada disso acontecia. A peça considerada melhor pela estatística apresentava o seguinte resultado: 58 pessoas tinham dito que ela era ótima, 34 que era boa, três que era simplesmente regular e cinco que era decididamente ruim. Da peça considerada estatisticamente pior, o resultado era o seguinte: 18 pessoas tinham-na considerado má, 31 regular, 33 boa e 18 ótima.

Meu Deus, que misterioso critério de julgamento levou aquelas cinco pessoas a considerarem mau um espetáculo que outras 58 diziam ser ótimo e outras 34 diziam ser bom? E que outra imprevisível escala de apreciação levou, no segundo caso, aquelas 18 pessoas a acharem ótima uma peça que outras 18 achavam decididamente má?

É para nos desaninar, é mesmo para tirar conclusões pouco democráticas, no domínio da arte. Mas assim vai o mundo, e, ao que parece, pior do que o escuro em que nos debatemos é a mania de ser dono da luz. Assim, confessando que talvez esteja ainda mais no escuro do que os outros sobre o que faço, tento aqui a ordenação — ou

uma das ordenações possíveis — para o mundo tumultuoso que inventei, não sei bem por que nem para quê.

Para isso, gostaria de esclarecer que, em certo sentido — e somente assim, porque, no fundo, isto é uma simples história —, O santo e a porca apresenta a traição que a vida, de uma forma ou de outra, termina fazendo a todos nós. A vida é traição, uma traição contínua. Traição nossa a Deus e aos seres que mais amamos. Traição dos acontecimentos a nós, dentro do absurdo de nossa condição, pois, de um ponto de vista meramente humano, a morte, por exemplo, não só não tem sentido, como retira toda e qualquer possibilidade de sentido à vida.

É desta traição que Euricão Arábe subitamente se apercebe, é esta visão perturbadora e terrível que lhe aponta os homens como escravos — como escravos fundamentais e não só do ponto de vista social, como um crítico entendeu apontava —, isto é, como eles próprios se veriam a instante, não fossem as preocupações, a cegueira voluntária e involuntária, as distrações e divertimentos, a covardia, tudo enfim que nos ajuda a "ir levando a vida" enquanto a morte não chega e que faz desta aventura — que se fosse sem Deus era sem sentido — um aglomerado suportável de cotidiano.

Para indicar isso, aproveitei, entre outras coisas, a circunstância de ser Euricão Engole-Cobra um estrangeiro, um "árabe", como se diz, no sertão, dos sírios, árabes e turcos enraizados, e insinuei, através disso, nossa própria condição de desterrados: "Não temos, aqui, cidade permanente" (Hebreus 13,14). Detesto os símbolos: quando Euricão fala nisso, não está simbolizando nada nem ninguém, o que prejudicaria, a meu ver, sua vida de personagem de teatro; está aludindo a uma circunstância real, pelo que me permiti essa exceção que, não prejudicando a vida e a verdade do personagem Euricão, pôde servir para dar à perda da porca o sentido do absurdo de toda a vida. Porque a perda da porca é muito grave no caso particular dele. Euricão sacrificou toda a existência a ela — ao mundo, portanto, à segurança, à vida tranquila, feliz e rotineira —, furtando a sua própria alma, como ele mesmo diz repetindo seu modelo Euclião, personagem de Plauto; e o ídolo termina por traí-lo, deixando-o solitário e abandonado diante da morte. Como afinal acontece a todos nós, quando perdemos nossa casa, nossa fábrica, nosso automóvel, nosso nariz — como aconteceu ao personagem de Gogol —, nossa amante ou nossas pernas.

Isto, quanto à porca. Ela apresenta a vida como um impasse, cuja única saída é Deus. "Se Deus não existe, tudo é permitido", dizia Ivan Karamázov, isto é, o mundo moral ficaria inteiramente destituído de sentido. E claro que não sou nenhum Dostoievski nem estou, nem de longe, comparando as duas obras, mas sim comentando uma semelhança de situações; pois o que Euricão descobre, de repente, esmagado, é que, se Deus não existe, tudo é absurdo. E, com esta descoberta, volta-se novamente para a única saída existente em seu impasse, a humilde crença de sua mocidade, o caminho do santo, Deus, que ele seguiria num primeiro impulso, mas do qual fora desviado aos poucos, inteiramente, pela idolatria do dinheiro, da segurança, do poder, do mundo.

Mas, se possível, olhem esta peça — assim como o conjunto de meu trabalho de escritor, dentro do qual ela, como todas as outras, deve ser entendida —antes de tudo como uma história, contada por uma pessoa, mas que mantém um contato profundo e amoroso com a vida. Considero-me um realista, mas sou realista não à maneira naturalista — que falseia a vida — mas à maneira de nossa maravilhosa literatura

popular, que transfigura a vida com a imaginação para ser fiel à vida. Não tem sentido, portanto, dadas as características de meu teatro, dizer como disseram alguns críticos ilustres, que é inverossímil que um avarento ignorasse uma operação bancária e perdesse, assim, seu tesouro. Em primeiro lugar, mesmo que isso fosse impossível na vida, não o seria em meu teatro, onde um cangaceiro se deixa enganar por uma flauta e um conto-do-vigário — no caso, o Padre Cícero — e onde os anjos se vestem de judeus e os diabos de frades ou de vaqueiros; e em segundo lugar, mesmo na vida, o caso é tão possível que aconteceu; foi em Taperoá, com uma pessoa avarenta, por sinal pertencente à minha família. Na agência do Banco do Brasil, em Campina Grande, onde ela foi trocar seu dinheiro, avisada por um tio meu, juntou gente para ver aquelas notas, guardadas durante tanto tempo que ninguém as conhecia mais.

O que eu procuro atingir, portanto, é, se não a verdade do mundo, a verdade de meu mundo, afinal inapreensível em sua totalidade, mas mesmo assim, ou por isso mesmo, tentador e belo, com seu sol luminoso e selvagem, tão selvagem que não podemos vê-lo. Procuro me aproximar dele com as histórias, os mitos, os personagens, as cabras, as pedras, o planalto seco e frio de minha região parda, pedregosa e empoeirada. Esta visão ardente — grosseira e harmoniosa, ao mesmo tempo — é o cerne para onde se dirige meu trabalho de escritor. Admito, a exemplo do que acontece com o público e com a arte popular de minha região — o mamulengo, o romanceiro —, a mentira geral do teatro para que isso me possibilite comunicar aos outros, na medida de minhas forças, a substância deste mundo. Nunca o teatro conseguirá reproduzir a vida, que se reinventa a cada instante. Assim, sem exageros que acabem a ilusão consentida do público, é melhor não apelar para as muletas do verismo nem esconder as traves da arquitetura teatral — sejam as do autor, as do encenador ou as dos atores, pois todos nós temos as nossas; assim o público, vendo que não pretendemos enganá-lo, que não queremos competir com a vida, aceita nossos andaimes de papel, madeira e cola e pode, graças a essa generosidade, participar de nossa maravilhosa realidade transfigurada. A vida e o mundo são os motivos, que aparecem transfigurados, no teatro. Meu teatro procura se aproximar da parte do mundo que me foi dada; um mundo de sol e de poeira, como o que conheci em minha infância, com atores ambulantes ou bonecos de mamulengo representando gente comum e às vezes representando atores, com cangaceiros, santos, poderosos, assassinos, ladrões, palhaços, prostitutas, juízes, avarentos, luxuriosos, medíocres, homens e mulheres de bem — enfim, um mundo de que não estejam ausentes — se não no teatro, que não é disso, mas na poesia ou na novela — nem mesmo os seres da vida mais humilde, as pastagens, o gado, as pedras, todo este conjunto de que o sertão está povoado.

Isto é o que venho procurando fazer. Sei que é um plano ambicioso, mas não posso estar pensando nisso, nem em se venho ou não conseguindo pô-lo em prática: terminaria ficando desesperado.

Assim, tendo dito o que quis fazer, entrego a peça aos leitores: que eles a julguem novamente, como já aconteceu com o público que a viu no palco. E, se o que disse aqui contribuiu para um maior entendimento entre nós, dou-me por satisfeito.

A.S.



PRIMEIRO ATO





O pano abre na casa de EURICO ARÁBE, mais conhecido como EURICÃO ENGOLE-COBRA.

CAROBA — E foi então que o patrão dele disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão..."

EURICÃO — Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA — Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: "Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques..."

EURICÃO — Eurico!

CAROBA — "Vá procurar Euríquio..."

EURICÃO — Chame Euricão mesmo.

CAROBA — "Vá procurar Euricão Engole-Cobra..."

EURICÃO — Engole-Cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA — "Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele."

EURICÃO — Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudoro Vicente comigo?

PINHÃO — Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO — (*Devolvendo a carta.*) Hein?

PINHÃO — Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

EURICÃO — E que idéia foi essa de que eu tenho dinheiro? Você andou espalhando isso! Foi você, Caroba miserável, você que não tem compaixão de um pobre como eu! Foi você, só pode ter sido você!

CAROBA — Eu? Eu não!

EURICÃO — Ai, meu Deus, com essa carestia! Ai a crise, ai a carestia! Tudo que se compra é pela hora da morte!

CAROBA — E o que é que o senhor compra? Me diga mesmo, pelo amor de Deus! Só falta matar a gente de fome!

EURICÃO — Ai a crise, ai a carestia! E é tudo querendo me roubar! Mas Santo Antônio me protege!

PINHÃO — O senhor pelo menos leia a carta!

EURICÃO — Eu? Deus me livre de ler essa maldita! Essa amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio me proteja, meu Deus! Ai a crise, ai a carestia!

Entra MARGARIDA atraída pelo rumor. Vem acompanhada de DODÓ VICENTE, disfarçado com uma horrível barbicha, com a boca torta, com corcova, coxeando e vestido de preto.

MARGARIDA — Papai! Que foi, meu pai? Ouvi o senhor gritar! Está sentindo alguma coisas?

EURICÃO — Ai minha filha, me acuda! Ai, ai! Os ladrões, minha filha, os ladrões!

MARGARIDA — Socorro! Socorro! Pega o ladrão!

EURICÃO — Ai minha filha, não grite assim não! Não grite, senão vão pensar que a gente tem o que roubar em casa. E vêm roubar! Santo Antônio, Santo Antônio! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA — Mas o que foi que houve?

EURICÃO — Ainda não houve nada, mas está para haver! Está para haver, minha filha!

MARGARIDA — O que é? Que foi que houve, Caroba? Que foi, Pinhão! Pinhão, você aqui? Ah, já sei o que houve, papai soube de tudo! É melhor então que eu confesse logo.

CAROBA — Que a senhora se confesse? Deixe para a sexta-feira, porque a senhora aproveita e comunga! Que coisa, Dona Margarida só quer viver na igreja!

EURICÃO — Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA — Mas afinal de contas, o que foi que houve? Meu pai, eu vou contar...

DODÓ — Não!

PINHÃO — Não, não, Dona Margarida, quem fala sou eu! O que houve é que meu patrão escreveu uma carta ao senhor seu pai.

MARGARIDA — Uma carta? Dizendo o quê?

EURICÃO — Você ainda pergunta? Só pode ser para pedir dinheiro emprestado! Aquele usurário! Aquele ladrão!

CAROBA — Mas Seu Euricão, Seu Eudoro é um homem rico!

EURICÃO — E é por isso mesmo que eu estou com medo. Você já viu pobre pedir dinheiro emprestado? Só os ricos é que vivem com essa safadeza! Santo Antônio, Santo Antônio!

MARGARIDA — Mas papai já leu a carta?

EURICÃO — Não! Nem quero ler! Nem quero que você leia! Afaste-se, não toque nessa amaldiçoada!

MARGARIDA — Então tome.

EURICÃO — Não tomo!

MARGARIDA — Leia o senhor mesmo!

EURICÃO — Não leio!

MARGARIDA — Não pode ser coisa ruim, papai!

EURICÃO — Só pode ser coisa ruim, minha filha!

CAROBA — Mas se for dinheiro emprestado, é só o senhor não emprestar, Seu Euricão!

EURICÃO — É mesmo! É mesmo, Caroba! Eu nem me lembrei disso, no meu aperreio!

CAROBA — Leia a carta, Seu Euricão!

MARGARIDA — É, papai, leia! Que mal faz?

PINHÃO — Se for dinheiro emprestado...

EURICÃO — (*Jogando a carta no chão.*) Ai!

MARGARIDA — (*Apanhando-a.*) Não é nada demais, está vendo? Olhe, veja o senhor mesmo!

EURICÃO — Não fala em dinheiro não?

MARGARIDA — Não.

EURICÃO — Nem pede para eu avalizar alguma letra?

MARGARIDA — Não.

EURICÃO — Você jura?

MARGARIDA — Juro.

EURICÃO — Então eu leio. Mas Santo Antônio, veja lá! Não vá ser essa safadeza de me pedir dinheiro emprestado!

MARGARIDA — Papai, leia a carta pelo amor de Deus!

EURICÃO — Você acha que eu devo ler?

MARGARIDA — Acho.

EURICÃO — Então eu leio. *Meu caro Eurico: espero que esta vá encontrá-lo como sempre com os seus, gozando paz e prosperidade!* Ai! Margarida!

MARGARIDA — Que é, papai?

EURICÃO — Você passou o São João na fazenda de Eudoro Vicente.

MARGARIDA — É verdade, papai.

EURICÃO — Você foi dizer, lá, que eu era rico?

MARGARIDA — Eu? E eu ia dizer uma coisa dessa, meu pai? Nós somos tão pobres!

EURICÃO — E como é que ele fala em prosperidade, aqui? Isso é dinheiro emprestado, não tem pra onde!

MARGARIDA — É um modo de falar, papai, todo mundo diz isso nas cartas!

EURICÃO — É?

MARGARIDA — É!

EURICÃO — Então eu leio. *Gozando paz e prosperidade. Sobretudo, espero que esteja passando bem sua encantadora filha Margarida, cuja estada em minha casa ainda não consegui esquecer.* Ah, isso aí ele tem que reconhecer, minha filha é um patrimônio que posso. Hei de casá-la com um homem rico e ela há de amparar a velhice do paizinho dela. Eudoro, com todo o dinheiro que tem, não tem uma filha como a minha!

CAROBA — E o senhor, com toda a filha que tem, não tem uma riqueza como a dele!

EURICÃO — Como foi?

CAROBA — Nada!

EURICÃO — *Mando na frente meu criado Pinhão, homem de toda confiança...*

PINHÃO — Obrigado!

EURICÃO — ...*para avisá-lo de minha chegada aí*. Aí aonde? Eudoro Vicente pensa que, pelo simples fato de ter hospedado minha filha, eu estou obrigado a hospedá-lo? Ele convidou Margarida porque quis, que não convidei ninguém!

MARGARIDA — Mas papai, ele foi tão delicado comigo!

EURICÃO — Mas eu não o convidei, esse é que é o fato! Eu não convidei ninguém! E o que é isso aqui? O que é isso aqui?

CAROBA — Que é, Seu Euricão?

EURICÃO — Está vendo? Eu não dizia? Minha filha, você ainda causará minha perdição, minha morte, meu assassinato! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA — Que foi, meu pai?

EURICÃO — A carta! A carta amaldiçoada! Bem que eu estava com um pressentimento ruim!

MARGARIDA — Mas o que é que tem a carta? Dê cá, deixe eu ver! Onde é?

EURICÃO — Aí onde diz "de minha chegada aí". Ah carta amaldiçoada! Ai a crise, ai a carestia!

MARGARIDA — *De minha chegada aí, mas quero logo avisá-lo: pretendo privá-lo de seu mais precioso tesouro!*

EURICÃO — Está vendo? Esse ladrão! Esse criminoso! Meteu na cabeça que eu tenho dinheiro escondido e quer roubá-lo. Estão me roubando! Ladrões, só pensam nisso! Mas vou tomar minhas providências! Saim, saiam imediatamente! Vou trancá-los, entrem aqui imediatamente! Entrem, entrem!

Empurra os quatro num quarto qualquer, que tranca por fora. Tranca também as portas e janelas com barras de madeira e abre pelo meio uma grande porca de madeira, velha e feia, que deve estar em cena, atirada a um canto, como se fosse coisa sem importância. Dentro dela, pacotes e pacotes de dinheiro. EURICÃO, enquanto ergue e deixa cair amorosamente os pacotes, vai falando, ora consigo mesmo, ora com Santo Antônio, cuja imagem também deve estar em cena.

EURICÃO — Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? E preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antônio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Arábe, Eurico Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguiram furtar nada. Ah, minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse, comia você inteirinha! Ai, mas é impossível! Senão, desconfiam!

(Abre as portas, numa alegria satânica.)

EURICÃO — Venham! Ra, ra! Então vocês queriam roubar o velho Euricão Arábe, hein? Euricão Engole-Cobra! Pois sim! Mas, se eu não cuido, as cobras é que vão me engolir.

PINHÃO — É por isso que o povo diz que cobra que não anda não engole sapo.

EURICÃO — Acabe com esses ditados! Trabalhei com as cobras, é verdade, vendendo meus remédios por todo o sertão. Mas hoje... Você pensam que sou rico, não é?

MARGARIDA — Mas papai, quem vai pensar uma coisa dessa?

EURICÃO — Vivo cercado de inimigos, de ladrões. E agora, ainda mais esse Eudoro Vicente, querendo roubar o que é meu! Esse ladrão, esse criminoso! Eu não convidei ninguém, ele vem porque quer. E você, Seu Dodó, não diz nada? O senhor ouve essa desgraça, vê que estão querendo me depenar, me explorar, e fica calado?

DODÓ — O senhor vá ao hotel de Dadá e reserve quarto para o fazendeiro. Quando ele chegar, paga a conta!

EURICÃO — É mesmo! Dodó Boca-da-Noite! Que talento, que gênio! É a única pessoa que sabe me compreender! Se você não fosse tão pobre e tão feio, minha filha bem que poderia... Eu vou, sua idéia é boa. Mas cuidado, todo cuidado é pouco. Você fica aqui, de olho. Não deixa entrar ninguém. Margarida, minha filha, você jura que fica aqui?

MARGARIDA — Juro.

EURICÃO — Jura que não deixa ninguém entrar até que eu volte?

MARGARIDA — Juro.

EURICÃO — Você também jura, Dodó Boca-da-Noite?

DODÓ — Juro.

EURICÃO — Você vigia minha filha e ela vigia você! Vou reservar o quarto para Eudoro. E se ele chegar na minha ausência, vão logo esclarecendo tudo. Eu não

convidei ninguém e não tenho dinheiro nenhum. E que Santo Antônio me proteja dos ladrões! (Sai.)

Imediatamente MARGARIDA abraça DODÓ.

MARGARIDA — Meu amor, o que é que se pode fazer para evitar isso? Espere, tire essa barba horrível, não consigo me convencer de que é você! Estamos perdidos, não descobrir tudo.

DODÓ — A que horas meu pai chega, Pinhão?

PINHÃO — Chega já. Pelo menos foi o que ele disse na carta, mas falar é fôlego.

MARGARIDA — Que terá havido, Dodó, meu amor? Que foi que deu em seu pai de repente? Terá desconfiado de que você está aqui?

DODÓ — Ele estava zangado, Pinhão?

PINHÃO — Não, pelo contrário, estava até alegre.

DODÓ — Falou alguma coisa a meu respeito? A respeito de eu ter ou não ter ido para o Recife estudar?

PINHÃO — Não. Ele não tem a menor idéia de que o senhor está aqui.

MARGARIDA — O melhor é a gente confessar tudo, querido. Não aguento mais essa agonia. A todo instante penso que meu pai vai reconhecer você.

DODÓ — Não está vendo que é impossível, meu bem? Quando seu pai me viu pela última vez, eu era um menino. E com esta corcova, essa roupa, essa barba... Não é possível de jeito nenhum!

MARGARIDA — Mas o seu? Ele vai chegar e vai reconhecer-lo. Não seria melhor dizer tudo?

DODÓ — Mas dizer tudo como, meu bem? Não tenho um tostão meu, meu pai é contra a idéia de eu me casar sem estudar, seu pai só deixa você casar com um homem rico... O que é que eu posso fazer contra este inferno?

MARGARIDA — Talvez se seu pai soubesse que a noiva sou eu, permitisse o casamento e lhe desse terra para você trabalhar. Ele gostou tanto de mim quando estive lá!

DODÓ — E eu mais ainda, tanto assim que abandonei meu estudo e vim me meter nesse armazém por sua causa.

MARGARIDA — Mas com a chegada de seu pai, tudo se complica! Ele vai descobrir!

DODÓ — Talvez você tenha razão, é melhor confessar. Quando ele chegar, descobrimos tudo e ficamos de joelhos diante dos dois, pedindo consentimento para nos casar.

CAROBA — O senhor quer um conselho?

DODÓ — Quero, Caroba, estou completamente cego.

CAROBA — Então não descubra nada!

MARGARIDA — Por quê? Você fala de um jeito tão misterioso!

CAROBA — É porque estou maldando um negócio mais misterioso ainda. Vou dizer uma coisa curta e certa aos dois: não descubram a história não, porque o pai do senhor vem é para pedir Dona Margarida em casamento.

DODÓ — O quê? Você está doida, mulher?

CAROBA — Estou nada, homem! Seu pai não é viúvo?

DODÓ — É.

CAROBA — A senhora não passou um tempo lá?

MARGARIDA — Passei.

CAROBA — Ele não simpatizou com a senhora?

MARGARIDA — Simpatizou.

CAROBA — Ele não disse, na carta, que vinha roubar o tesouro mais precioso de Seu Euricão?

PINHÃO — Disse.

CAROBA — Então o que é que vocês querem mais? E casamento no duro!

DODÓ — É possível?

CAROBA — Por que não, Seu Dodó? E proibido casar?

MARGARIDA — Mas assim, sem um aviso, sem uma proposta!

CAROBA — Dona Margarida, essas coisas só se usam na primeira vez, na segunda, vai direto! Casamento de viúvo é feito depressa e sem muita conversa!

MARGARIDA — Você acha que é possível?

DODÓ — Ouvi papai falar em casamento mais de uma vez, para sondar minha opinião.

MARGARIDA — E se for, o que é que a gente faz, meu Deus?

CAROBA — É deixar as coisas como estão. Se o senhor tiver habilidade, pode ser que seu pai não o reconheça, pelo menos hoje. Quando ele chegar, já é quase noite. Com a corcova, a perna curta, a barbicha e a boca torta, o senhor bem que pode passar por outro. Então a gente vê o que faz, examina tudo, vê se é casamento mesmo e pode então partir daí para resolver tudo.

DODÓ — Como?

CAROBA — Eu sei lá, na hora se vê.

MARGARIDA — (A DODÓ) Você acha que está bem assim?

CAROBA — Pode ser que não esteja, mas é o jeito.

DODÓ — Está bem, Caroba, vou seguir seu conselho. E se tudo se resolver a contento, eu saberei mostrar minha gratidão.

PINHÃO — Como?

DODÓ — Eu descobrirei um modo.

PINHÃO — Seguro morreu de velho.

CAROBA — O senhor não tem uma terrinha que seu padrinho lhe deu?

DODÓ — Tenho, mas é uma terrinha pequena, não dá para nada.

CAROBA — Para o senhor, para mim vale muito. A coisa que eu mais desejo na vida é casar com Pinhão e ter uma terrinha para trabalhar nela com ele. Se a história se resolver e eu conseguir fazer seu casamento, o senhor passa a escritura dessa terra para nós dois?

DODÓ — Passo.

CAROBA — Prometido?

DODÓ — Prometido.

PINHÃO — Quem vive de promessa é santo.

CAROBA — Mas aí é pegar ou largar.

PINHÃO — Pois eu pego! Vou arranjar umas promissórias aí pela rua. O senhor assina uma no valor da terra. Quando passar a escritura, eu devolvo a que o senhor assinou, está bem?

DODÓ — Está, homem desconfiado! PINHÃO — O velho dobrou na esquina.

CAROBA — Siam, deixem eu enfrentar Seu Euricão. É preciso preparar o terreno. Cuidado, lá vem ele! Pinhão, fique, preciso de sua ajuda!

DODÓ *põe os disfarces e sai atrás de MARGARIDA.*
Entra EURICÃO.

EURICÃO — Ladrões, só vejo ladrões! Mas Santo Antônio me protege. Caroba, você sozinha aqui? Que é isso? Onde estão os outros? Onde está Dodó Boca-da-Noite?

CAROBA — Para falar com franqueza, não prestei atenção. Deve ter saído.

EURICÃO — Que conversa é essa? Você andou remexendo no que é meu?

CAROBA — Que interesse eu tinha em remexer nessa troçaria? Só se fosse para ficar com asma, nesse mofo.

EURICÃO — Deixe ver os bolsos.

CAROBA — Veja.

EURICÃO — Sacuda o vestido.

CAROBA — (*Obedecendo.*) Está quente hoje, hein, Seu Euricão?

EURICÃO — Vire-se de costas.

CAROBA — Pois não.

EURICÃO — Deixe de manejos e abra as mãos.

CAROBA — Aqui estão.

EURICÃO — Não terá escondido nada embaixo da saia?

CAROBA — Epa, vá pra lá! Que molecagem é essa?

EURICÃO — Idiota, eu sou um velho. Minha intenção é outra.

CAROBA — Sei lá, isso é você quem diz!

PINHÃO — É melhor você se garantir, Caroba.

CAROBA, *que tem se aproximado da porca, coloca a mão descuidadamente em seu dorso.*

EURICÃO — (*Aterrado.*) Saia daí!

CAROBA — Que foi?

EURICÃO — Uma aranha, aí!

CAROBA — Ai! (*Esconde-se atrás da porca, abraçando-se com ela.*)

CAROBA — Ai, tenho horror a aranha!

EURICÃO — Saia daí!

CAROBA — O que é?

EURICÃO — Um lacrau enorme! Saia, saia! Olhe o lacrau, Caroba!

CAROBA — Ai! Aonde, Seu Euricão?

EURICÃO — Aí na porca!

PINHÃO — Aonde, que eu não estou vendo?

EURICÃO — Desapareceu, deve ter fugido!

CAROBA — É capaz de estar embaixo da porca.

*Abaixa-se e procura cuidadosamente, batendo na
porca com os nós dos dedos.*

EURICÃO — Caroba! Olhe a caranguejeira!

CAROBA — Ai! Esta casa está cheia de bichos, Seu Euricão!

PINHÃO — Sabe por que é isso, Seu Euricão? São essas velharias que o senhor guarda aqui. Só essa porca já tem mais de duzentos anos.

CAROBA — Por que o senhor não joga isso fora? Outro dia eu e Dona Margarida quisemos fazer uma surpresa ao senhor. A gente ia jogar fora essa porca velha e comprar uma nova para lhe dar.

EURICÃO — (*Arriando numa cadeira.*) Ai, ai! Miseráveis, miseráveis, assassinas, bandidas! Logo minha porquinha que herdei de meu avô! Toque nela e quem vai embora é você, está ouvindo, assassina? Sou louco por essa porca! Ai Santo Antônio, querem me roubar, me assassinar, e ainda por cima comprar uma porca nova que deve custar uma fortuna! Ladrões, ladrões! Ai a crise, ai a carestia! Santo Antônio, Santo Antônio!

CAROBA — Está certo, Seu Euricão, está certo! Diabo duma agonia danada! Deixe a porca de lado, ninguém toca mais nela! Que é que vale uma porca? O negócio agora é evitar a facada que o tal do Eudoro vem lhe dar.

EURICÃO — A facada?

CAROBA — E então? O senhor vai ver se não é! Pinhão me contou como ele faz. Chega cheio de delicadezas. A essa hora, já se informou de sua devoção por Santo Antônio. Ele chega e faz que é devoto do mesmo santo. Elogia o senhor, elogia sua filha, pergunta como vão os negócios, todo amável, e vai amolando a faca. (*À medida que fala, vai evocando a cena imaginária com gestos significativos e cortantes.*)

CAROBA — Deve ser uma faca enorme, assim desse tamanho. Ele vai atolá-la até o cabo em sua barriga, xuiu! (*Dá a facada com a mão na barriga de EURICÃO, que cai desfalecido numa cadeira.*)

EURICÃO — Ai! Quanto você calcula que vai ser a facada, Caroba?

CAROBA — Homem, pelo tamanho da faca, calculo aí nuns vinte contos.

EURICÃO — Ai! Caroba! Tenha compaixão de um pobre velho.

CAROBA — Mas é claro que tenho, Seu Euricão! Já pensei em tudo e vou defendê-lo contra esse urubu.

EURICÃO — Você vai, Caroba? Como?

CAROBA — O meio é contra-atacar com as mesmas armas. O senhor lhe oferece jantar, dá-lhe vinho, cerveja, e quando ele estiver bem entusiasmado para dar o golpe, o senhor dá nele primeiro.

EURICÃO — Como?

CAROBA — Pedindo vinte contos emprestados.

EURICÃO — Ra, ra! Ra, ra! Grande idéia, Caroba, idéia genial! Mas como é que se paga o jantar?

PINHÃO — O senhor tira dos vinte contos!

EURICÃO — Ladrão, miserável! Já quer gastar meus vinte contos que eu arranquei daquele criminoso com tanto trabalho! Quer me matar de fome, bandida? Quer gastar meu dinheiro?

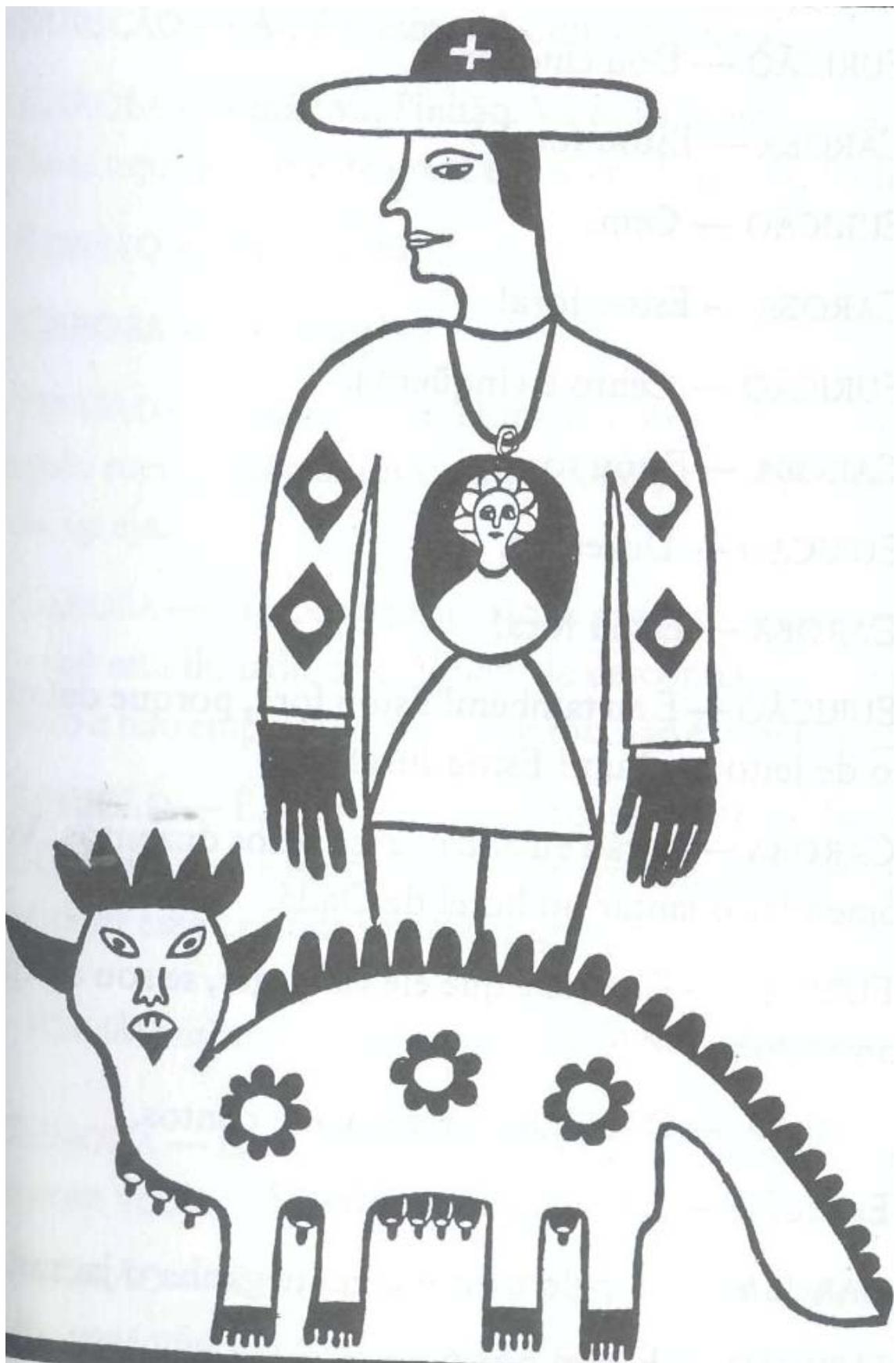
CAROBA — Mas Seu Euricão, o dinheiro não é dele?

EURICÃO — Ai, é mesmo! E se ele não emprestar, Caroba?

CAROBA — Ah, ele empresta! Vou dar um jeito nisso. O senhor me dá uma comissão?

EURICÃO — Se você arranjar os vinte contos? Dou.

CAROBA — Quanto?



EURICÃO — Eu lhe dou metade daquele jerimum que o cego me deu ontem.

CAROBA — É pouco! Eu quero é dinheiro, Seu Euricão!

EURICÃO — Ai, ai! Ainda não tenho os vinte contos e já querem me roubar! Não dou, não dou de jeito nenhum.

CAROBA — Então, estou fora do negócio.

EURICÃO — Não! Preciso de você, Caroba, não me abandone!

CAROBA — Então me dê minha comissão.

EURICÃO — Quanto é que você quer?

CAROBA — Quinhentos. EURICÃO — Dou cinqüenta.

CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — Cem. CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — Cento e cinqüenta.

CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — Duzentos.

CAROBA — Estou fora!

EURICÃO — E eu também! Estou fora, porque daí não passo de jeito nenhum!
Estou fora!

CAROBA — Então eu entro! Fica pelos duzentos. Vou encomendar o jantar no hotel de Dadá.

EURICÃO — E como é que ele vai pagar, se sou eu que encomendo?

CAROBA — O senhor tira dos vinte contos.

EURICÃO — E se ele não empresta?

CAROBA — Ai, pelo menos a gente ganha o jantar.

EURICÃO — E com que é que se paga o jantar? Com meu dinheiro?

CAROBA — O jantar não vai ser pago com os vinte contos, Seu Euricão?

EURICÃO — Ai, é mesmo. Assim, eu quero!

CAROBA — Então vá, Pinhão. Vá e encomende o jantar que hoje aqui se come de noite e se come bem. Vá, Pinhão.

PINHÃO — Meu patrão!

CAROBA — Seu patrão?

PINHÃO — Sim, chegou. Dona Benona Arábe está recebendo meu patrão aí fora, na calçada, perto do cemitério da igreja.

CAROBA — Saia por aqui, então. É preciso que ele pense que você está do lado dele. Senão ele desconfia, fica de sobreaviso e não empresta os vinte contos, não é, Seu Euricão?

EURICÃO — É, Pinhão, meu filho, saia por ali. Nessas coisas, a surpresa é tudo. Vá e volte para nos ajudar, que a luta com esse criminoso vai ser grande.

PINHÃO *sai ao mesmo tempo que BENONA entra.*

BENONA — Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO — Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA — Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO — Você, que foi noiva dele. Eu, não!

BENONA — Isso são coisas passadas.

EURICÃO — Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está muito enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

CAROBA — Mas enquanto Santo Antônio não se vira, vamos ajudá-lo um pouco. Seu Euricão, saia por um momento.

EURICÃO — Você se encarrega de preparar tudo?

CAROBA — É claro.

EURICÃO — Então eu saio. Traga o cachorro, Benona, traga o urubu. Se Deus quiser e Santo Antônio me ajudar, o golpe vai se virar por cima dele. Eu fico ali, assim que o terreno estiver preparado, me chame. (*Sai.*)

CAROBA — Dona Benona, espere um instante. Quero lhe dizer um negócio, em caráter confidencial.

BENONA — Que é, Caroba?

CAROBA — Pinhão está desconfiado de que Seu Eudoro vem pedir a senhora em casamento.

BENONA — Caroba!

CAROBA — É verdade, Dona Benona! A senhora não foi noiva dele?

BENONA — Fui, mas briguei por uma besteira e ele se casou com outra.

CAROBA — Mas o fato é que está viúvo e arrependido! Ele mandou dizer a Seu Euricão que vinha privá-lo de seu tesouro e Pinhão acha que só pode ser a senhora.

BENONA — É possível?

CAROBA — A senhora mesmo vai ver, daqui a pouco. Mas parece que ele está meio envergonhado, depois de tanto tempo. É natural, mas é preciso ajudá-lo.

BENONA — (Faceira.) Ele está acanhado porque quer, porque eu nunca o esqueci.

CAROBA — Foi nada?!

BENONA — E então?

CAROBA — Pois eu vou ajudar Seu Eudoro a sair do acanhamento. A senhora me deixe só com ele que eu vou me certificar. Se for verdade, pode deixar que eu puxo a conversa na frente de Seu Euricão e a senhora noiva.

BENONA — Ai, Caroba, estou tão confusa! Foi tudo tão de repente! E assim, de surpresa, sem me dizer nada! Mas Eudoro sempre foi meio doidinho!

CAROBA — É casamento na certa! A senhora saia e deixe tudo comigo!

BENONA — Pois está certo. Fique, fale com ele e que Santo Antônio nos proteja.

*Entra EUDORO VICENTE. BENONA lança-lhe
um olhar provocante e terno.*

BENONA — Eudoro, meu irmão vem já. Com licença, malvado! (Sai.)

EUDORO — Que foi que houve aqui, meu Deus, para Benona me olhar assim. Que coisa esquisita!

CAROBA — Ah, e o senhor ainda não soube de nada não?

EUDORO — Não, o que foi que houve?

CAROBA — O que houve, Seu Eudoro, foi que o povo daqui está desconfiado de que o senhor veio noivar.

EUDORO — E por que estão pensando nisso?

CAROBA — O senhor mandou dizer na carta que ia roubar o tesouro de Seu Euricão e todo mundo está pensando que isso quer dizer "casar com Dona Margarida".

EUDORO — Pois estão pensando certo, Caroba. Desde que Dodó saiu de casa para estudar, estou me sentindo muito só. Simpatizei com a filha de Euricão e resolvi pedi-la, apesar da diferença de idade.

CAROBA — O senhor está parecendo meio encabulado de pedir.

EUDORO — É verdade, Caroba. Não sei como vou começar. Minha idade não permite mais certas coisas que agradam às moças, de modo que...

CAROBA — Então deixe comigo. Seu Euricão é louco pela filha. Não gosta nem de falar em casamento para ela, com medo de perdê-la. Mas, ao mesmo tempo, quer casá-la, pois considera a moça uma espécie de patrimônio. O senhor agrade o velho, seja delicado, diga que ele vai bem de saúde e de negócios, fale em Santo Antônio, que é a devoção dele, e deixe o resto comigo. Depois que eu puxar o assunto, depois que tudo estiver encaminhado, aí o senhor faz o pedido, está bem?

EUDORO — Está ótimo, Caroba. Para animá-la eu... (*Remexe no bolso.*)

CAROBA — Nada disso, a única coisa que me interessa nisso é a estima que sempre lhe tive. Mas já que o senhor insiste...

EUDORO — Pois tome e puxe o assunto. Creio que Euricão não criará dificuldade. Gosta da filha, mas gosta ainda mais de dinheiro e, sabendo que tenho algum... Mas o que é isso?

CAROBA — Não é uma das velharias de Seu Euricão? Herdou essa porca ainda do tempo do avô e não há quem faça ele jogá-la fora.

EUDORO — Do tempo do avô, é? Interessante, muito interessante! Gosto muito de antiguidades!

CAROBA — Então eu vou chamá-lo. Seu Euricão! Seu Euricão! Seu Euricão Engole-Cobra!

EURICÃO — (*Entrando.*) Engole-Cobra é a mãe. Bom dia, Eudoro Vicente.

EUDORO — Bom dia, Eurico Arábe. Santo Antônio o guarde, Santo Antônio o proteja a você e a toda a sua família.

EURICÃO — (*À parte, a CAROBA.*) Se não for dinheiro emprestado, eu estufe! Que Santo Antônio também o proteja, Eudoro Vicente.

EUDORO — Então sempre em saúde e prosperidade, hein?

EURICÃO — É dinheiro, não tem pra onde! Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

EUDORO — Que é que adianta a terra, Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

EURICÃO — É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

EUDORO — Que nada, isso é modéstia! E quanto à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

EURICÃO — Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está faminto, sedento por dinheiro emprestado.

EUDORO — Que tal lhe parece minha família?

EURICÃO — Boa.

EUDORO — E meu caráter?

EURICÃO — Bom.

EUDORO — E meus atos?

EURICÃO — Nem maus nem desonestos.

EUDORO — Qual é a opinião que você tem de mim?

EURICÃO — Sempre o considerei um cidadão honrado.

EUDORO — Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

EURICÃO — Se não for dinheiro emprestado, eu me dane! O que é que você quer?

CAROBA — Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que Seu Eudoro gostou de uma pessoa de sua família.

EURICÃO — Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

CAROBA — Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a Seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, Seu Eudoro veio pedi-la em casamento.

EURICÃO — Está dada, pode se considerar noivo. Mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

EUDORO — Mas eu ainda não sei se ela aceita!

EURICÃO — A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

EUDORO — Então mande chamar Margarida.

EURICÃO — Margarida? Pra quê?

CAROBA — Seu Eudoro quervê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, Seu Euricão. Ele já viu Dona Benona, agora quer ver Dona Margarida!

EURICÃO — Ah, sim. Mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém, você vai para o hotel de Dadá!

EUDORO — Está bem, mas posso ver Margarida?

EURICÃO — Pode, por que não?

EUDORO — Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

EURICÃO — Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel?

EUDORO — Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo, hospedado em casa da noiva, não é?

EURICÃO — Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

EUDORO — Um guarda? Um homem?

EURICÃO — Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

EUDORO — Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

CAROBA — Mas seu filho é coxo?

EUDORO — Você já morou em minha terra e sabe que não.

CAROBA — É corcunda?

EUDORO — Não.

CAROBA — Tem uma barbicha?

EUDORO — Não.

CAROBA — Veste sempre preto?

EUDORO — Não.

CAROBA — É amarrado?

EUDORO — Não.

CAROBA — Tem a boca torta?

EUDORO — Não.

EURICÃO — Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite!

Entra MARGARIDA.

EUDORO — Oi, você não disse que ela é sempre vigiada?

EURICÃO — Margarida, você quer me desmoralizar? Sustente o pudor, Margarida! Olhe o recato, Margarida! Onde está Dodó?

MARGARIDA — Seu Dodó sentiu-se mal e ficou no armazém, papai.

EURICÃO — Sentiu-se mal o quê? Empregado meu tem lá licença de se sentir mal! Dodó, Dodó! Dodó Boca-da-Noite!

DODÓ entra, exagerando a corcova, o andar e sempre de costas, para não ser reconhecido.

EURICÃO — Cumpra com sua obrigação, está ouvindo?

DODÓ — Estou.

EURICÃO — É um bom servidor, gosto muito dele! Venha cá conhecer meu amigo, Dodó.

DODÓ — Ai!

EURICÃO — Que foi?

MARGARIDA — Eu não disse que ele estava doente?

DODÓ — Seu Eurico, um copo dágua, Seu Eurico!

EUDORO — Tome, moço.

DODÓ — (*Dando-lhe as costas.*) Não! Já passou, estou bonzinho!

CAROBA — Seu Euricão mandou chamar a senhora, Dona Margarida, porque Seu Eudoro Vicente fez o pedido de casamento.

EURICÃO — E já que ele vai entrar na família, minha filha...

MARGARIDA — É verdade?

EUDORO — É, Margarida. Ainda não tive tempo de ir ao hotel, mudar de roupa, mas quero logo pedir uma entrevista a você para conversarmos.

EURICÃO — Ah, não, entrevista não. A entrevista é essa!

EUDORO — Mas Eurico...

MARGARIDA — Não precisa nem o senhor falar, meu pai. Prefiro ir para um convento.

EURICÃO — Está vendo o que é recato, Eudoro? Aí, Margarida! Sustente o pudor, Margarida, sustente o recato. Trata-se de Eudoro, é uma pessoa séria, de mais idade e além do mais vai entrar na família. Mas recato é recato! Entrevista, sozinha, com ninguém!

EUDORO — Mas Eurico...

MARGARIDA — Já disse que prefiro ir para um convento. E vá marcar entrevista com gente de sua idade, está ouvindo? E saia daqui com seu casamento! Saia daqui porque eu...

*CAROBA põe o dedo nos lábios e faz-lhe sinal
para que ela saia. Margarida se interrompe bruscamente e
começa a chorar, saindo arrebatadamente da sala,
acompanhada sempre pelo fiel DODÓ.*

EUDORO — Mas Eurico...

CAROBA — Coitada, foi pega de surpresa pela notícia, é muito apegada com a família, principalmente com Dona Benona, e está com medo de perdê-la.

EURICÃO — É isso mesmo. Não se ofenda, Eudoro, vou acalmá-la. Uma conversa comigo e em dois tempos ela vai ser a primeira a apoiar a idéia. (Sai.)

EUDORO — A apoiar que idéia? A da entrevista?

CAROBA — Não, a do casamento.

EUDORO — Bem que eu não queria fazer isso, assim de repente! Agora a moça está nervosa!

CAROBA — Isso passa, deixe comigo! Ela faz isso porque está na frente do pai. Mas quando ela falar com o senhor a sós, há de ver que ela quer o casamento.



EUDORO — Mas o fato é que não vou poder falar com ela a sós.

CAROBA — Ah, isso não. Vai, e quem vai arranjar a entrevista sou eu.

EUDORO — Você? Como? Onde?

CAROBA — Aqui e de noite, depois que o velho estiver dormindo. Ele dorme cedo, de modo que depois do jantar...

EUDORO — E se alguém acordar?

CAROBA — É fácil disfarçar. Dona Margarida levanta-se às vezes à noite, para rezar escondido pela mãe.

EUDORO — Escondido por quê?

CAROBA — Seu Euricão não gosta disso. A mulher abandonou-o e, depois que ela morreu, ele mandou buscar o corpo e enterrou aí. Mas não gosta nem que se fale dela. De modo que, se Dona Benona acordar, diz-se que foi isso. Dona Benona é a mais perigosa, tem mania de recato. E a conselho dela que Seu Euricão fica tão rigoroso com a filha.

EUDORO — Benona sempre foi assim, creio mesmo que foi por causa disso que ela... Mas enfim, você arranja a entrevista?

CAROBA — Arranjo. Depois do jantar, quando todo mundo estiver deitado, eu destranco essa porta. Aí o senhor volta e pode falar com Dona Margarida, aqui.

EUDORO — Mas será que ela aceita?

CAROBA — Aceita, a paixão dela pelo senhor é grande, vai vencer de uma vez só o pudor e o recato.

EUDORO — Está bem, mas cale a boca. O homem vem aí.

Entra EURICÃO.

EURICÃO — A moça se trancou e não houve jeito. É o recato, coitada. Mas você comprehende isso, não é?

EUDORO — É.

EURICÃO — Então adeus, Eudoro Vicente, não quero retê-lo mais, você deve estar com fome e o hotel...

CAROBA — Patrão!

EURICÃO — Hein?

CAROBA — E o jantar?

EURICÃO — Cale a boca, miserável!

CAROBA — O senhor não prometeu um jantar? É para celebrar o noivado.

EUDORO — Um jantar? Ah, aceito, pois não. Venho jantar e depois vou dormir no hotel.

EURICÃO — Está bem, está bem. Essa você me paga, Caroba! E a respeito dos vinte contos?

EUDORO — No jantar nós falaremos.

EURICÃO — Ótimo, ótimo. Essa parte está ótima.

EUDORO — Então, até já! E preparem o espírito da noiva! (*Sai.*)

CAROBA — Seu Euricão, espero que o senhor não se esqueça de minha comissão.

EURICÃO — Que comissão?

CAROBA — A que o senhor prometeu, se eu arranjassem os vinte contos.

EURICÃO — E quem disse que você me arranjou vinte contos? Aliás, ninguém me arranjou vinte contos. Eudoro Vicente prometeu, mas ainda não arranjou nada, vai arranjar!

CAROBA — Mas quem planejou tudo fui eu!

EURICÃO — Mente, velhaca! Você tinha planejado tudo para o jantar e, se eu tivesse esperado, talvez a essa hora estivesse esfaqueado. Quem pressentiu o perigo fui eu, quem pediu o dinheiro fui eu e quem arranjou o dinheiro fui eu! Você não tem direito à comissão de qualidade nenhuma!

CAROBA — Mas Seu Euricão...

EURICÃO — Adeus, Caroba, já basta o prejuízo do jantar.

CAROBA — Mas Seu Euricão...

EURICÃO — Dê o fora, Caroba.

CAROBA *sai de má vontade. EURICÃO vai até a porca e alisa-a carinhosamente.*

EURICÃO — Ai minha porquinha do coração, a luta é grande contra os ladrões. Mas arranjei sempre mais vinte contos para seu buchinho.

Entra EUDORO.

EUDORO — Eurico...

EURICÃO — (Dando um salto.) Santo Antônio me proteja! Que negócio é esse de sair da casa dos outros e voltar nos mesmos pés? Você está me vigiando?

EUDORO — Não, Eurico, desculpe.

EURICÃO — Você notou alguma coisa?

EUDORO — Alguma coisa de quê?

EURICÃO — Você pensa que sou idiota, para dizer? Notou ou não notou?

EUDORO — Não notei nada!

EURICÃO — E que veio fazer aqui, entrando de emboscada, como um assassino? Como um ladrão?

EUDORO — Afinal, o que é isso? Que é que você quer dizer? Voltei porque vim lhe oferecer preço por essa porca que você guarda aí.

EURICÃO — Preço por minha porca? Ai! Socorro! Ladrão! Pega o ladrão!

EUDORO — Que é isso, homem?

EURICÃO — Ai a crise, ai a carestia! Ai Santo Antônio! Veja o que querem fazer comigo!

EUDORO — Mas afinal de contas...

EURICÃO — Ai minha porquinha que herdei de meu avô e esse criminoso quer tomar! Ai minha porquinha! (Cai desfalecido numa cadeira,)

EUDORO — Está bem, homem de Deus, se não quer vender, não venda! Precisa essa agonia? Diabo duma esquisitice danada! Vá ser esquisito assim no inferno!

Vai saindo, quando encontra BENONA.

BENONA — Dodó!

EUDORO — (Formal) Minha senhora!

BENONA — Que minha senhora que nada, malandro! Já soube de tudo e vim lhe dizer que concordo de todo coração! Está tudo esquecido.

EUDORO — Fico muito contente com isso, Benona.

BENONA — E eu mais ainda, Dodó. Olhe como estou! Desde que você apareceu que meu coração começou a bater. Você acha que eu devo lhe dar um beijo?

EUDORO — Mas Benona, você acha que ficaria próprio?

BENONA — Deixe de preconceitos, homem! Agora estou diferente, a vida me ensinou a ser menos tola! Não quer? Bem, então fica para mais tarde. Vou me vestir para o jantar. Mas não deixo você sair sem lhe dar um beliscão no espinhaço de jeito nenhum, quero me lembrar dos velhos tempos. Chegue aqui esse espinhacinho, safado!

EUDORO — Benona!

BENONA — Ai meu Deus, quanta timidez, como é lindo isso! Esse Dodó sempre foi doidinho! Não tem isso não, lá vai beliscão!

EUDORO — (*Correndo.*) Benona! Diabo de povo mais esquisito! Benona! Ai! (*Sai correndo, com BENONA atrás.*)

EURICÃO — Ai minha porquinha adorada, ai minha porquinha do coração! Querem roubá-la, querem levar meu sangue, minha carne, meu pão de cada dia, a segurança de minha velhice, a tranqüilidade de minhas noites, a depositária de meu amor! Mas parece que Santo Antônio me abandonou por causa da porca. Que santo mais ciumento, é "ou ele ou nada"! É assim? Pois eu fico com a porca. Fui seu devoto a vida inteira: minha mulher me deixou, a porca veio para seu lugar. E nunca nem ela nem você me deram a sensação que a porca dá. Ah, minha bela, ah, minha amada! Aqui você fica muito à vista de todos, todo mundo deseja a sua beleza, a sua bondade. É melhor levá-la para um lugar escondido. A mala do porão, é lá! Aí você ficará em segurança e eu poderei dormir de novo.

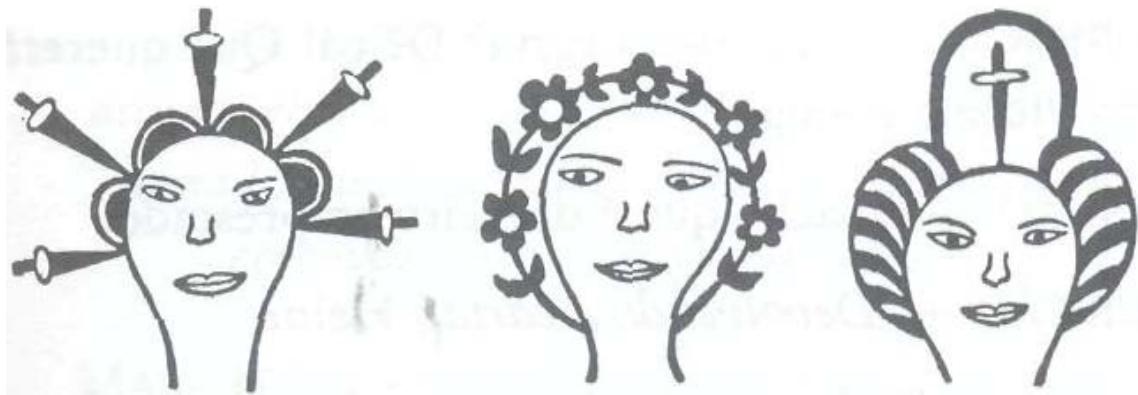
Entra num socavão sob a escada, sobraçando a grande porca de madeira, e volta sem ela.

EURICÃO — Agora, sim. E você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo, e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armazém. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para se enfrentar a crise e a carestia! (*Persigna-se e sai.*)

FIM
DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO





Mesma sala. Entram CAROBA, MARGARIDA e DODÓ.

CAROBA — Mas que jeito eu podia dar? Ele queria a entrevista, eu estava precisando agradá-lo para ele confiar em mim, o jeito foi marcar!

DODÓ — Que jeito que nada! O que há é que você se acostumou a agradar meu pai e ficou contra mim!

CAROBA — Deixe de ser ingrato, Seu Dodó. Eu estou tentando arranjar seu casamento e o senhor vem dizer isso!

MARGARIDA — É, meu amor, que mal faz? Eu vou, e, se achar um modo de afastar seu pai sem mágoa, afasto.

DODÓ — E ainda por cima, o perigo que você nos fez correr! Imagine se Margarida não visse o gesto que você fez! Era capaz de deitar tudo a perder.

CAROBA — Que é que eu podia fazer? Era preciso que eu pai acreditasse que a noiva era ela. Agora, que já está encaminhado, o senhor fica aí dando jeito em tudo. queria ver era na hora, inventar tudo isso de repente, noivar seu pai com Dona Benona, quando ele pensava que era com Dona Margarida, noivar Dona Benona no pedido da sobrinha, fazer Seu Euricão acreditar que o candidato a genro queria ser cunhado... O senhor acha pouco?

MARGARIDA — É, meu bem, Caroba já fez demais! Por que você não concorda com essa tolice de entrevista?

DODÓ — Não concordo porque não gosto de ver você metida nisso!

MARGARIDA — Mas meu bem, trata-se de seu pai!

DODÓ — Não tenho nada com isso, agora é candidato a se casar com você.

CAROBA — A entrevista é que vai resolver tudo, Seu Dodó!

DODÓ — Resolver tudo o quê? Ela vai é complicar tudo, isso sim! Na hora, papai pode entender a história de repente e a gente está desgraçado. Porque, se Seu Euricão descobrir que papai quer casar é com Margarida, desfaz o noivado de Dona Benona na mesma hora e faz o que meu pai quer! Seu Euricão faz qualquer acordo, contanto que não perca o dinheiro de meu pai!

MARGARIDA — Não, isso também não é direito não, meu bem! Você, zombar da pobreza de meu pai? Ele é pobre mas não vê nada no mundo além de mim!

DODÓ — (*Duvidoso.*) Eu sei!

MARGARIDA — Você é quem parece de repente cheio de dureza para com ele! Você não já sabia como ele era? Por que, então, esses modos, de repente? Parece é que você quer me deixar de lado e está procurando um pretexto!

DODÓ — E você? Parece estar ansiosa por essa entrevista! Pois vá! Vá, siga os conselhos de Caroba e, quando estiver de volta, jogue fora a aliança que lhe dei. Não quero casar com uma moça que marca entrevista com outro! (*Sai, MARGARIDA chora.*)

CAROBA — Não chore não, Dona Margarida. Quando Seu Dodó chegar à conclusão de que tudo está bem, acaba com essa besteira.

MARGARIDA — Eu sei lá, eu sei lá, Caroba! Que complicação, meu Deus! E essa trapalhada de entrevista... Não vou, Caroba, não vou de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista?

CAROBA — Eu!

MARGARIDA — Pois vá você, está ouvindo? Você foi Quem marcou, você é quem vai.

CAROBA — Mas Dona Margarida, eu quero lhe explicar que...

MARGARIDA — Vai! Vai e não adianta discutir!

CAROBA — Mas Dona Margarida, eu...

MARGARIDA — Eu lhe dou um vestido meu e você vai em meu lugar! Você é mais ou menos de meu tipo: com meu vestido, de noite, no escuro, pode passar por mim, perfeitamente!

CAROBA — Tem que ser um vestido que Seu Eudoro conheça, senão não dá certo!

MARGARIDA — Eu lhe dou este, antes da hora!

CAROBA — Sim, Dona Margarida, mas...

MARGARIDA — Não admito discussão! É isso e é isso mesmo. Prepare-se, porque na hora eu lhe dou o vestido e você vai à entrevista! (*Vai saindo.*)

CAROBA — Mas é claro que vou à entrevista, se meu plano todo era esse!

MARGARIDA *tem saído. PINHÃO, que vem entrando, ouve a frase.*

PINHÃO — Que história é essa, Caroba? É a entrevista que o patrão marcou com Dona Margarida?

CAROBA — É, eu vou no lugar dela!

PINHÃO — Eu não quero você com o patrão aqui, de jeito nenhum! Aquilo é um viúvo sonso dos seiscentos diabos.

CAROBA — Espere lá, Pinhão, você não entendeu nada!

PINHÃO — Não entendi, nem quero entender, está ouvindo? Você foi ao hotel falar com ele?

CAROBA — Fui, e então? Precisava esclarecer certas coisas e fui!

PINHÃO — E por que não me disse que ia?

CAROBA — Ainda mais essa!

PINHÃO — Você foi para falar sobre a entrevista?

CAROBA — Fui!

PINHÃO — E vai a essa entrevista com ele, de noite?

CAROBA — Vou!

PINHÃO — Vai como?

CAROBA — Vou do jeito que entender!

PINHÃO — Pois quero lhe dizer logo que é essa entrevista ou eu, está ouvindo? Trate de escolher!

CAROBA — Já escolhi!

PINHÃO — Quem ganhou?

CAROBA — A entrevista! Você quer mandar em mim, é, Pinhão? Que desconfiança é essa, se nunca lhe dei motivo? Vou e é quer você queria, quer não!

PINHÃO — Pois adeus, Caroba. Quem gosta de dormente é o trem. (*Sai. CAROBA chora, mas logo enxuga as lágrimas.*)

CAROBA — Essa é boa, ninguém deixa eu falar e haja todo mundo contra mim!

Entra BENONA.

BENONA — Caroba, estava precisando falar com você. Que é isso? Que é que você tem?

CAROBA — Cada um sabe de si e de suas agoniias, Dona Benona!

BENONA — É verdade, Caroba. Eu mesma, tão contente que estava e começo a ficar inquieta.

CAROBA — Inquieta? Por quê?

BENONA — É Eudoro, Caroba! Achei Eudoro tão esquisito para uma pessoa que veio reatar um noivado interrompido!

CAROBA — É o tempo que passou, Dona Benona!

BENONA — Você acha?

CAROBA — Não tenha dúvida, ele continua no mesmo entusiasmo! Chegou até a pedir que eu arranjassem uma entrevista dele com a senhora!

BENONA — Uma entrevista? Quando?

CAROBA — À noite, quando o povo estiver dormindo.

BENONA — Eurico vai estranhar.

CAROBA — Para estranhar, ele vai ter que saber, e Seu Euricão não vai saber de nada.

BENONA — E se alguém acordar?

CAROBA — A senhora vem disfarçada. Veste um vestido de Dona Margarida. Se alguém acordar, a senhora faz que é ela, que veio rezar, e ninguém desconfia. De noite, é fácil.

BENONA — E como é que eu vou arranjar o vestido de Margarida?

CAROBA — Pode deixar que disso eu me encarrego. Depois do jantar, deixo a porta destrancada e Seu Eudoro vem. Quando tudo estiver preparado, canto como giao, entrego o vestido e a senhora fala com ele.

BENONA — Foi Eudoro quem pediu isso?

CAROBA — Foi.

BENONA — Então eu vou.

CAROBA — Mas não vá falar com ele sobre isso antes, não! Alguém pode ouvir e vai tudo d'água abaixo.

BENONA — Não tenha cuidado, ninguém vai entender nada! Pinhão encomendou o jantar?

CAROBA — Encomendou, já chegaram alguns dos Pratos.

BENONA — Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo chega já.

Saem. PINHÃO e DODÓ entram, vindos de lados opostos, ambos arrependidos.

DODÓ — Margarida... Pinhão! Que há?

PINHÃO — Nada, Seu Dodó. Fui eu que peguei uma briga com Caroba e vinha fazer as pazes.

DODÓ — Eu também peguei uma com Margarida e vinha para isso mesmo, Pinhão!

PINHÃO — Terá sido um negócio de uma entrevista, Seu Dodó?

DODÓ — Foi, Pinhão.

PINHÃO — Eu fiquei danado porque Caroba disse que ia no lugar de Dona Margarida.

DODÓ — Como, se Margarida me disse, aqui, que ia à entrevista?

PINHÃO — Pois então já vi que seu pai marcou entrevista foi com as duas, Seu Dodó.

DODÓ — Você o que acha dessa entrevista, Pinhão?

PINHÃO — Seu Dodó, de sua noiva quem sabe é o senhor, mas a minha, eu não quero que vá de jeito nenhum.

DODÓ — Aí há alguma coisa, Pinhão. Todas duas deram de repente para querer ir à entrevista. Que será?

PINHÃO — Eu sei lá, Seu Dodó!

DODÓ — Não custa nada esclarecer, não é? Vamos fazer o seguinte: quando Caroba abrir a porta, a gente vem antes e se esconde aqui. Assim, assiste-se à entrevista e pode-se saber, afinal de contas, o que é isso. Está certo?

PINHÃO — Está, Seu Dodó.

DODÓ — E o jantar? Você arranjou tudo?

PINHÃO — Arranjei, os pratos começaram a chegar.

DODÓ — Chegaram uns homens aí fora.

PINHÃO — São os dois empregados do hotel, certamente vêm com a porca. Arranjei uma porca assada para nós.

DODÓ — Então, pelo menos, hoje se tira a barriga da miséria! Estou aqui há dois meses, é a segunda vez que vou comer de noite. Vá receber a porca.

PINHÃO — (*Gritando para fora, enquanto sai.*) É a porca? Levem lá para trás, nossa alegria hoje é essa porca. É a porca? (*Sai. EURICÃO cruza a cena, transtornado.*)

EURICÃO — Ai, a porca! Pega, pega o ladrão!

Sai no encalço de PINHÃO. Ouvem-se gritos, som de pancadas, imprecações. PINHÃO entra correndo, com EURICÃO atrás, ameaçador, EURICÃO vai investir sobre PINHÃO, que puxa uma faca.

EURICÃO — Pega, pega o ladrão! Assassino, ladrão!

DODÓ — O que é isso, Seu Eurico? Que é isso, Pinhão? Guarde essa faca imediatamente.

EURICÃO — Não, deixe ele assim, quero mesmo que a polícia veja! Pega, pega o ladrão! Vou denunciá-lo à polícia!

PINHÃO — Porquê?

EURICÃO — Porque você anda com uma faca.

PINHÃO — Aqui todo mundo anda!

EURICÃO — Mas você me ameaçou.

PINHÃO — Ameacei para não apanhar, Seu Dodó é testemunha.

EURICÃO — Dodó não é testemunha de coisa nenhuma, que o patrão dele sou eu!

PINHÃO — Por que o senhor deu em mim?

EURICÃO — Ainda pergunta? Quer mais?

PINHÃO — Venha!

EURICÃO — (*Avançando para PINHÃO, que recua.*) Que é que você veio fazer em minha casa sem minha ordem?

PINHÃO — (*Mesmo tom, mesmo ritmo, com EURICÃO recuando.*) Vim trazer o jantar que o senhor encomendou

EURICÃO — (*Idem.*) E é de sua conta que se coma ou não se coma em minha casa? Você é meu pai?

PINHÃO — (*Idem.*) O que eu quero saber é se é para trazer o jantar ou não.

EURICÃO — (*Idem.*) E eu, o que quero saber é se minha casa se salvará.

PINHÃO — (*Idem.*) E eu, o que quero é me salvar com minha porca.

EURICÃO — Com a porca? Ai, ai, minha porca! Ai minha porca, pelo amor de Deus! Santo Antônio, Santo Antônio! Saiam, saiam daqui imediatamente. Entrem aí que eu vou trancar vocês dois, seus ladrões! Seus criminosos! Entrem já. (*Vai trancá-los no porão, mas de repente, aterrorizado, lembra-se de que a porca está lá.*)

EURICÃO — Não, não entra ninguém! Fiquem de costas, todos dois. Tapem os olhos com as mãos. Já! Se tirarem as mãos, denuncio vocês dois ao Delegado como ladrões de cavalo. Fiquem aí. Não se virem. Olhe a denúncia, boto todos dois na cadeia. Você se virou, Dodó?

DODÓ — Não, Seu Eurico.

EURICÃO — E você, ladrão?

PINHÃO — Sou eu, é?

EURICÃO — Quem mais havia de ser? Você se virou?

PINHÃO — Eu não!

EURICÃO — Fiquem como estavam, não se virem.

*Entra de novo no quarto e volta
rapidamente, aliviado.*

EURICÃO — Está bem, podem se virar. Que foi que houve aqui?

DODÓ — Nada!

EURICÃO — Ouvi esse tal de Pinhão gritar.

PINHÃO — E eu gritei mesmo, Seu Euricão.

EURICÃO — O que foi que você gritou?

PINHÃO — Gritei pela porca!

EURICÃO — Está vendo, ladrão? É um ladrão, um criminoso, um bandido que quer sugar meu sangue. O que é que você quer com minha porca?

PINHÃO — Quero comer, Seu Euricão!

EURICÃO — Comer?

PINHÃO — Sim, comer, a porca que Seu Dadá mandou para o jantar e que chegou agora!

EURICÃO — A porca? O jantar (*Entendendo e disfarçando.*) Ah, sim, naturalmente, a porca! Assada ou cozida, Pinhão?

PINHÃO — Eu sei lá!

EURICÃO — Está bem, o certo é que é preciso cuidado! Todo cuidado é pouco, Santo Antônio, todo cuidado é pouco! E antes que me enganem, é melhor eu me certificar. Siam. Se não existir essa porca mesmo, vou fazer a denúncia e o Delegado Cabo Rangel prende você como ladrão de cavalo. (*Sai.*)

PINHÃO, *desconfiado, vai até a porta e fica olhando o quarto, pensativo.*

PINHÃO — O senhor entendeu alguma coisa, Seu Dodó?

DODÓ — Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui, só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma refeição por dia é luxo!

PINHÃO — E quem não tem para pagar, como Caroba?

DODÓ — De quem não paga, ele desconta o preço no ordenado.

PINHÃO — Aí é que quero saber como! Ela me disse que desde que chegou aqui ainda não recebeu um tostão!

DODÓ — O golpe dele é esse! Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde pagar porque não tinha recebido o ordenado. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro pague o jantar. Como Caroba não tem o dinheiro, não paga. Assim, por conta do jantar que ele dá cada mês, economiza o salário dos empregados.

PINHÃO — Que ladrão!

DODÓ — Não é ladrão não, Pinhão, é louco.

PINHÃO — Seu Dodó, eu só acredito que uma pessoa é doida quando ela começa a rasgar dinheiro. Com fama de doido, Zé Sabido enriqueceu.

DODÓ — A felicidade nossa é que deixei um rapaz no Recife recebendo a mesada que meu pai me manda e ele remete o dinheiro pelo correio. É assim que vamos passando, eu e Caroba. Mas já estou ficando cansado de ter que suportar a loucura desse arábe, esses fingimentos, essas mentiras, estes disfarces... Sabe de uma coisa, Pinhão? Não estou mais disposto a suportar isso e vou descobrir tudo!

PINHÃO — Seu Dodó!

DODÓ tira os disfarces e se endireita. Entram CAROBA e MARGARIDA, conduzindo EUDORO VICENTE.

CAROBA — Venha por aqui, Seu Eudoro.

PINHÃO acena para CAROBA, mostrando DODÓ sem os disfarces, mas ela não entende e dá-lhe as costas, zangada. DODÓ volta-se para ela, com EUDORO no limiar.

DODÓ — Margarida...

CAROBA — Ai! Um ladrão!

DODÓ — Um ladrão?

EUDORO — Um ladrão?

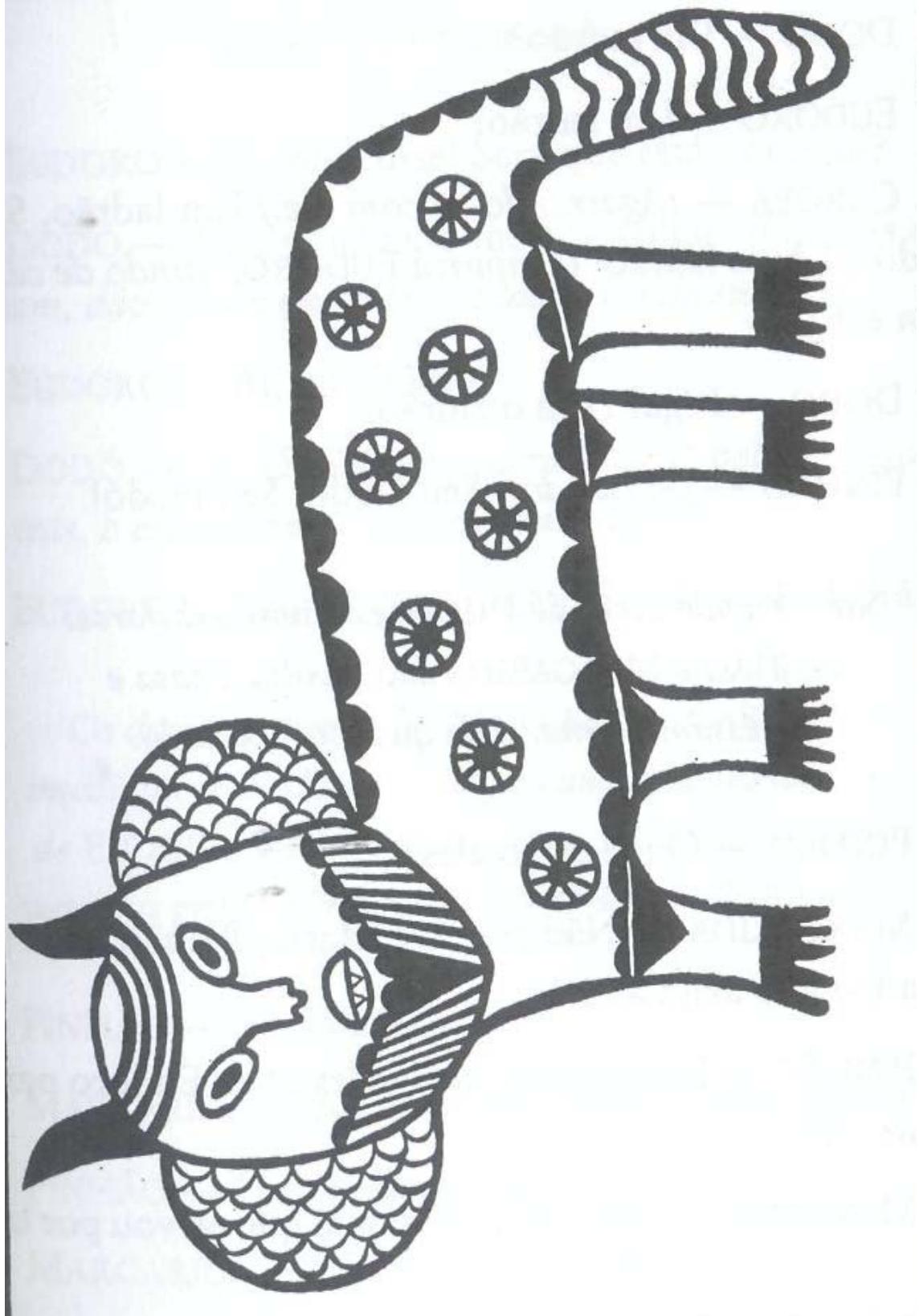
CAROBA — (Agarrando-se com ele.) Um ladrão, Seu Eudoro! Ai, o ladrão! (Empurra EUDORO, saindo de cena com ele.)

DODÓ — Pega! Pega o ladrão!

PINHÃO — (Avisando.) Seu Dodó! Seu Dodó!

Sai correndo atrás de DODÓ, este sem o disfarce. PINHÃO e MARGARIDA dão a volta à casa e regressam à cena, cada qual por um lado.

PINHÃO — Onde estão eles?



MARGARIDA — Não sei. Ave Maria, Pinhão, veja se pega Dodó e avisa a ele!

PINHÃO — E a senhora, veja se leva Seu Eudoro para a outra sala!

MARGARIDA — Está bem, vá por lá que eu vou por cá.

Saem. Aparecem DODÓ e EUDORO, cada um por um lado, com jeito de quem procura. Os dois caminham um para o outro e vão se encontrar, mas na hora exata, cada um vira o rosto para o lado oposto e por um triz não se vêem. Vão ao limiar da cena, tendo se cruzado, e param ambos.

EUDORO — Escondeu-se! Será que está por aqui?

DODÓ — Não vi nada, é melhor voltar! (*Os dois se voltam, dão-se um encontrão e um grito de susto.*)

EUDORO — Ai, o ladrão!

DODÓ — Ai! (*EUDORO agarra DODÓ pelo pescoço, por trás, e este cobre o rosto com as mãos.*)

EUDORO — Caroba! Pinhão! Agarrei! Peguei o ladrão!

Os dois acorrem, com MARGARIDA. CAROBA imediatamente dá um salto, escancha-se no lombo de EUDORO, e PINHÃO agarra-o. BENONA — que ouviu os gritos e entrou — agarra-se com EUDORO.

PINHÃO — Ah, ladrão safado!

MARGARIDA — Ah, bandido! Bote a barba, Dodó!

PINHÃO — Ladrão da peste!

MARGARIDA — Ah, ladrão safado!

CAROBA — (*Aos sopapos com EUDORO.*) Ladrão, ladrão safado!

BENONA — Que é isso, Caroba? Que é isso?

EUDORO — Espere aí, sou eu, Caroba!

CAROBA — Eu o quê, safado! Roubando a casa do meu patrão! (*Dá-lhe umas tapas na cara.*)

BENONA — Caroba, você está doida?

CAROBA — É o ladrão, Dona Benona! Ah, ladrão safado! (DODÓ *põe os disfarces.*)

EUDORO — Caroba! Sou eu, Caroba!

DODÓ — Esperem, sou eu! Que ladrão, que nada!

PINHÃO — Era o senhor, Seu Dodó?

CAROBA — Espere, é o senhor, Seu Eudoro?

EUDORO — Claro que sou eu, criatura! Você está doida? Que confusão é essa?

CAROBA — É Seu Dodó Boca-da-Noite com essa cara de fantasma, assombrando a gente! Fui entrando, pensei que era um ladrão!

EUDORO — Pois trate de olhar em quem dá, está ouvindo? Está me achando com cara de ladrão?

BENONA — Ladrão pode não ser, mas é um atrevidinho, um bandido!

EUDORO — Eu?

BENONA — Sim, depois de certas coisas que ouvi, estou considerando você um ladrãozinho bem perigoso.

EUDORO — Eu, Benona?

BENONA — Sim, você, atrevido! Seu atrevidinho, seu moleque audacioso!

EUDORO — Minha senhora...

BENONA — Minha senhora o quê, malandro! Planeja suas histórias e depois vem com fingimento! Mas eu concordei de todo coração e quero que você saiba que a noiva estará presente.

EUDORO — (*Inocente.*) Estará presente onde?

BENONA — Olhe a inocência dele! Que fingido, que malandro!

EUDORO — Malandro, eu? Por quê?

BENONA — Ora por quê! Marca suas entrevistas, vem com suas audácia e depois ainda se admira quando a gente o chama de malandro!

EUDORO — Ai, e você sabe?

CAROBA — Sabe, Seu Eudoro, ela sabe de tudo, mas felizmente fez uma exceção e está inteiramente de acordo, eu consegui convencê-la, não foi, Dona Benona?

BENONA — Foi, ora se foi!

CAROBA — Vamos saindo para o jantar?

EUDORO — Mas tinham me dito que você era tão severa!

BENONA — Com os outros, com você nunca mais! Quero recuperar...

MARGARIDA — Pega o ladrão!

PINHÃO — Pega! Pega o ladrão!

BENONA — Ai, socorro, Eudoro! (*Abraça-se com ele.*)

EUDORO — Não vejo ladrão nenhum, que negócio é esse? Vocês estão loucos? Quem foi que gritou?

MARGARIDA — Eu, mas não estava gritando por ladrão nenhum! Estava somente me lembrando de ainda agora! Foi tão engraçado!

CAROBA — Eu vinha entrando, vi Seu Dodó e de repente gritei "Pega o ladrão!". Foi tão engraçado!

EUDORO *permanece de cara enfarruscada diante de todos os outros, que vão desfilando diante dele e repetindo a frase, para desanuviá-lo.*

PINHÃO — Foi! Caroba vinha entrando, viu Seu Dodó e gritou "Pega o ladrão!". Foi tão engraçado!

DODÓ — Eu vinha entrando, Caroba me viu e gritou "Pega o ladrão!". Foi tão engraçado!

BENONA — Que coisa! Caroba vinha entrando, avistou Dodó e gritou "Pega o ladrão!". Foi tão engraçado! (*Somente então EUDORO ri.*)

CAROBA — "Pega o ladrão!" Foi tão engraçado! Vamos? Ai, meu Deus, eu hoje estufo de tanto rir! (*Sai empurrando todo mundo e todo mundo rindo. PINHÃO porém fica pensativo, olhando toda a sala.*)

VOZ DE EURICÃO — Ai, ai, meu Deus! Pega, pega o ladrão! Estão me roubando!

PINHÃO *se esconde e EURICÃO entra, aterrorizado.*

EURICÃO — Ai, gritaram "Pega o ladrão!". Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar "Pega o ladrão!". Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração!

Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui que começaram as ameaças! É melhor trazê-la. Com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antônio, faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui.

Entra no socavão e volta com a porca. EUDORO VICENTE entra e EURICÃO imediatamenteobre a porca com a capa, que colocou nos ombros para a eventualidade.

EURICÃO — Santo Antônio, que safadeza é essa? Isso é coisa que se faça?

EUDORO se aproxima de EURICÃO e começa a olhá-lo, examinando-o com um misto de curiosidade, desgosto e compaixão. Chega mesmo a tocar na roupa de EURICÃO para inspecioná-la. EURICÃO, desconfiado, vai se afastando dele, aos arrancões, mas sem querer sair para não despertar suspeitas.

EUDORO — Euricão, não repare eu dizer isso, mas você podia ter se vestido melhor para o jantar.

EURICÃO — A aparência depende da fortuna e a fortuna depende do que se tem. Eu não tenho nada. Os ricos, como você, é que têm essas obrigações. Os pobres, como eu, não!

EUDORO — Nada, não há quem me convença de que você é tão pobre como vive dizendo! Vá ver que com essa cara e com essa modéstia, tem, no mínimo, uma botija escondida.

EURICÃO — Ai!

EUDORO — Que é?

EURICÃO — Ora o que é? Você vem com suas insinuações e depois se admira!

EUDORO — Mas foi uma brincadeira, Eurico!

EURICÃO — Não gosto dessa qualidade de brincadeira!

EUDORO — Está bem, desculpe. Afinal de contas, eu vou entrar na família e posso me permitir certas intimidades!

EURICÃO — Por falar nisso, você pode me emprestar logo os vinte contos de que lhe falei! Preciso deles para fazer a festa, porque sozinho não vou poder enfrentar essa despesa!

EUDORO — Está bem, no jantar, trataremos disso.

EURICÃO — No jantar, não! No jantar a gente começa a comer, a beber, o coração afraca, a vontade se abranda, o tempo vai passando, daqui a pouco a oportunidade tem passado! Você quer casar ou não quer?

EUDORO — Quero!

EURICÃO — Com festa ou sem festa?

EUDORO — Bem, alguns amigos daqui a gente tem de convidar!

EURICÃO — Então passe os vinte contos. Agora! Já!

EUDORO — E quem lhe disse que eu tenho os vinte contos aqui?

EURICÃO — Você pode me dar um vale e eu vou receber o dinheiro no armazém que compra seu algodão!

EUDORO — Mas Eurico...

EURICÃO — Tem papel e caneta aí! Faça o vale!

EUDORO — Eu... Está bem, vou fazer. Está aí.

EURICÃO — Obrigado, obrigado, obrigado! Agora sinto-me seguro! Grande coisa é o dinheiro!

EUDORO — É verdade. Que é isso?

EURICÃO — Isso o quê?

EUDORO — Você está com alguma coisa embaixo da capa?

EURICÃO — Saia daí!

EUDORO — Meu Deus, que homem mais esquisito!

EURICÃO — Você não tem nada que me cutucar, atrás do que eu carrego!

EUDORO — E eu sabia lá que era segredo?

EURICÃO — Segredo o quê? Quem vive escondendo o que tem são os ricos, como você. O que eu trago aqui é somente uma cervejinha para o jantar.

EUDORO — Ah, Eurico, que delicadeza a sua! Uma cervejinha agora, depois dessa caminhada! Está gelada?

EURICÃO — Ai! Vá pra lá!

EUDORO — Que é isso, homem? Quero somente ver a cerveja!

EURICÃO — Vá pra lá, vá pra lá, pelo amor de Deus! Tenho horror a mostrar a cerveja que vou beber!

EUDORO — Por que, homem de Deus?

EURICÃO — Porque não gosto, pronto! E uma esquisitice minha! Não gosto de mostrar cerveja! É proibido ter esquisitice, é?

EUDORO — Não!

EURICÃO — Então, pronto, vá esperar o jantar na sala!

EUDORO — Está bem. Que homem mais esquisito, minha Nossa Senhora! (*Sai.*)

EURICÃO — Foi-se, com todos os diabos! Pronto, a porca fica aqui, agora! Aqui, Santo Antônio, servindo de suporte à sua imagem. Fica sob sua proteção, meu santo, estou arrependido de tudo o que disse! Ai, meu Deus, o santo ou a porca? Os dois! Não há necessidade de escolher, fico com os dois! Ouvi dizer que você, Santo Antônio, era cabo do exército brasileiro: fique aí como cabo-de-dia, guardando o que é meu. Vou lhe confiar o que não confiaria mais nem a minha mãe. Mas veja como corresponde a esta confiança! Está aí, confie em você: retribua agora essa confiança, dando-me toda a sua proteção. (*Sai. PINHÃO sai do esconderijo.*)

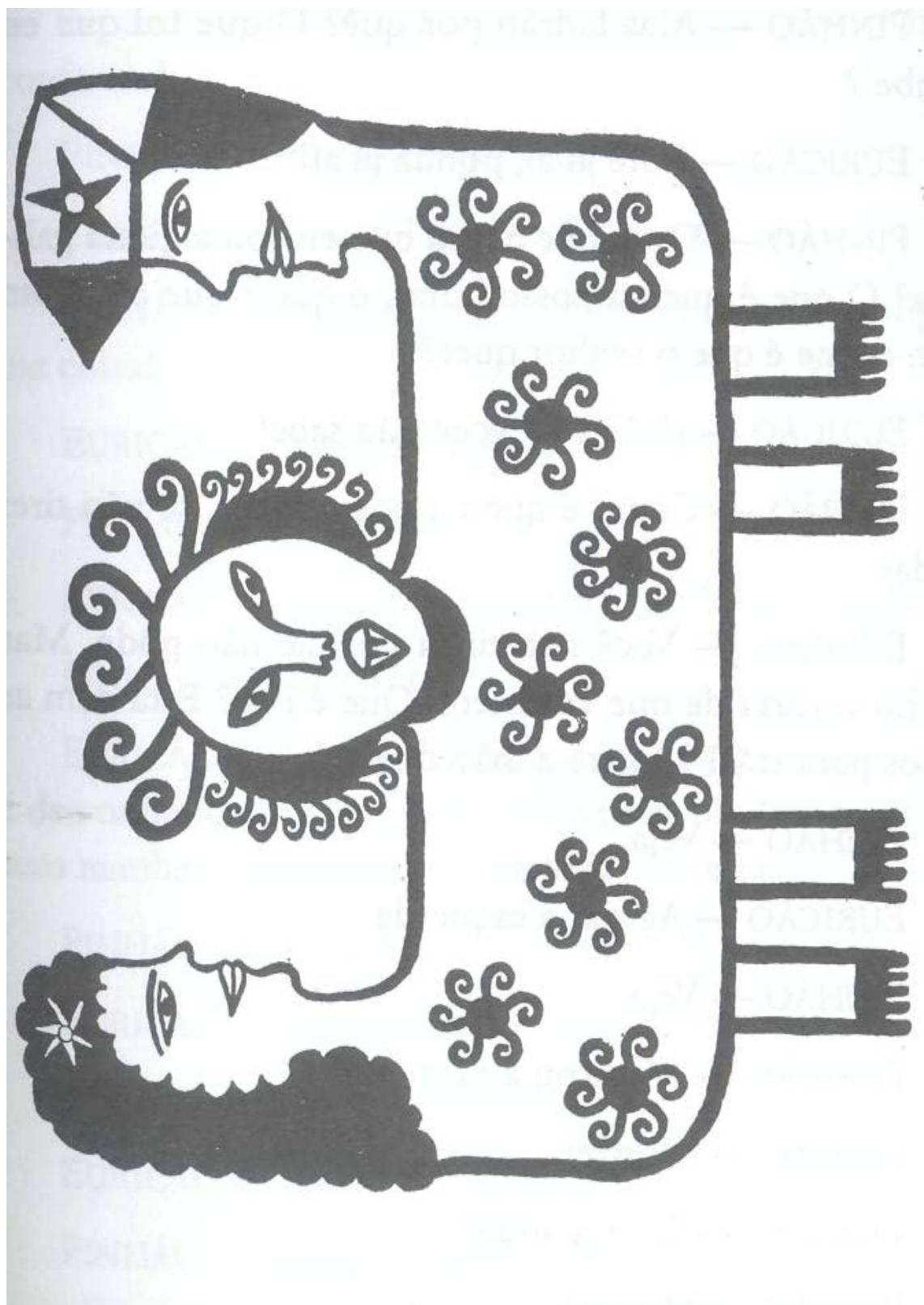
PINHÃO — Ah, Santo Antônio, não dê mais proteção a ele do que a mim! O que é que há aqui? É essa porca que ele defende com tanta raiva? Por que esse cuidado todo? Quero apurar tudo isso direitinho, Santo Antônio, porque essa peste não pode ter esse amor todo por uma porca só porque ela pertenceu ao avô dele! Esclareça tudo, Santo Antônio! Esclareça que eu... (*Vendo EURICÃO, que se aproxima cuidadosamente...*) Se o senhor me esclarecer... Ai, esclareça, meu Santo Antônio, esclareça um pobre pecador, um órfão que não tem ninguém por ele! Quero aproveitar e rezar pela segurança e pela salvação de todas as pessoas que me protegem e protegem Caroba! Seu Eudoro Vicente, aquele santo, Seu Euricão Arábe, aquele outro santo, a irmã de Seu Euricão, aquela santa, a filha de Seu Euricão, aquela santinha...

EURICÃO — Pra fora! Pra fora daqui, conversador! Que devoção foi essa que lhe deu de repente? Você pensa que me engana, mas eu sei quem você é! E agora você me paga! (*Agarra-o pelo pescoço.*)

PINHÃO — Mas afinal, que diabo é isso? A todo instante é pancada, esbregue, bofete, o diabo! Que diabo o senhor tem?

EURICÃO — O que é que tenho, é? E o que é que você tem com isso, seu ladrão?

PINHÃO — Mas ladrão por quê? O que foi que eu roubei?



EURICÃO — Bote já aí, ponha já aí!

PINHÃO — O senhor pensa que eu sou alguma galinha? O que é que eu posso botar, o que é que eu posso pôr, o que é que o senhor quer?

EURICÃO — (*Irônico.*) Você não sabe!

PINHÃO — Como é que eu posso saber, se não tirei nada?

EURICÃO — Você não tirou porque não pôde. Mas tenho certeza de que você tem. Que é isso? Está com as mãos para trás? Mostre a mão direita!

PINHÃO — Veja.

EURICÃO — Agora, a esquerda.

PINHÃO — Veja.

EURICÃO — Mostrou a primeira?

PINHÃO — Mostrei.

EURICÃO — E a segunda?

PINHÃO — Mostrei.

EURICÃO — Mostre a terceira.

PINHÃO — O senhor está é doido!

EURICÃO — Estou mesmo, porque o que eu devia era ter lhe dado um tiro! E é o que hei de fazer se você não confessar!

PINHÃO — Mas confessar o quê?

EURICÃO — Que foi que você tirou daqui?

PINHÃO — Santo Antônio me cegue se eu tirei alguma coisa!

EURICÃO — Sacuda o paletó.

PINHÃO — À vontade.

EURICÃO — E capaz de estar no fundo das calças.

PINHÃO — Quer ver?

EURICÃO — É, você está rindo para eu pensar que você é de confiança, cheio de boas intenções. Mas eu conheço suas manhas. Mostre outra vez a mão direita.

PINHÃO — Tome.

EURICÃO — Agora a esquerda.

PINHÃO — Veja logo as duas.

EURICÃO — Agora me dê aquilo.

PINHÃO — Aquilo o quê?

EURICÃO — Ra, ra! Você gosta de brincar, mas tenho certeza de que você tem.

PINHÃO — Eu tenho? Tenho o quê?

EURICÃO — Ah, isso é o que eu não digo. Queria saber, hein? Está bem, saia. Afinal de contas, já o revistei todo. Fora daqui! E que Santo Antônio lhe cegue os olhos e lhe dê paralisia nos dois braços e nas duas pernas duma vez.

PINHÃO — É muita bondade sua!

EURICÃO — Fora, fora daqui! (*Faz que sai por um lado, PINHÃO faz o mesmo pelo outro lado e os dois voltam ao mesmo tempo.*)

EURICÃO — (*Cruzando os braços.*) Vai ou não?

PINHÃO — (*Dando meia-volta rápida e saindo.*) Vou! (*Mesmo movimento anterior de ambos.*)

EURICÃO — Não quero maisvê-lo!
Saem, sendo que PINHÃO na carreira. Ele dá uma volta por fora da cena; subentende-se que ele rodeou a casa; então, pula uma janela, novamente para dentro de cena, e esconde-se. EURICÃO volta por onde saiu.

EURICÃO — Ah, agora estou só. Estará escondido? O quarto está vazio. E aqui? Ninguém. Agora, nós, Santo Antônio! Isso é coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua proteção mas ela me traiu! Você, que dizem ser o santo mais achador! É isso, Santo Antônio é achador e esta ajudando a achar minha porca! Eu devia ter me pegado era com um santo perdedor! Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemitério da igreja! É aqui perto e é lugar seguro. Entre o túmulo de minha mulher e o muro, há um socavão: é lá que guardarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos à dos vivos, e ali minha porca ficará em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos, ah, os mortos não desejam mais nada, não têm mais nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério! Esconde a porca no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrá-la o mais fundo que puder. E você, Santo Antônio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranqüilo, e, digam o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada!

Pega a porca, coloca-a sob a capa e, quando vai saindo, encontra CAROBA que vem entrando.
EURICÃO imediatamente volta-se de costas.

EURICÃO — Não é possível, assim também é demais, Deus!

CAROBA — Ah, está aí, hein, Seu Euricão? Procurei-o Por toda parte. O jantar demorou, mas agora vai sair. O senhor deve estar com fome, hein? Coitado, chega está de barriga vazia! (*Bate com a mão na barriga dele, que vai se livrando para evitar que ela descubra a porca.*)

EURICÃO — Isso é que é um azar da peste!

CAROBA — Mas não se incomode não, essa barriga hoje se enche, mais ainda!

EURICÃO — Ai! Vá pra lá! Diabo de mulher enxerida!

CAROBA — Que é isso, Seu Euricão? Parece até que o senhor andou engolindo cobra!

EURICÃO — Engole-Cobra é a mãe! Vá pra lá!

CAROBA — Calma, calma! Que é que há por aqui? De capa, todo misterioso, antes do jantar? Para onde é que se bota?

EURICÃO — Para a casa da mãe!

CAROBA — Ra, ra! Que é que o senhor está escondendo aí nesse bucho?

EURICÃO — Ai, ai, ladrona, assassina! Ai! (*Sai na carreira.*)

CAROBA — Está doido, o diabo do velho! (*PINHÃO sai do quarto.*)

PINHÃO — Doido, é? E você, que intimidade com ele é essa? Estava disposto a lhe pedir desculpas, mas agora mantenho o que disse. Que diabo de intimidade com o velho é essa?

CAROBA — Mas Pinhão, um velho daquele!

PINHÃO — É! É um velho mas não gosto de mulher que bate no bucho dos outros não! Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz!

CAROBA — Não me venha com ditado agora!

PINHÃO — É, não me venha com ditado, mas seguro morreu de velho e desconfiado ainda está vivo. Vivo e de testa limpa!

CAROBA — Você quer saber do que mais, Pinhão? Vá se danar! Eu comecei a lhe dar muito valor, você ficou convencido demais. Dê o fora! Eu também ia lhe explicar tudo sobre a entrevista, mas se você vem com essa desconfiança de minuto em minuto, pode se

danar! Dou-lhe somente uma explicação: brinco com o velho Euricão porque gosto dele, está ouvindo? Com toda a avareza, com toda a ruindade e as manias, é um dos homens mais sofredores que conheço. Nada na vida dele deu certo, casou-se, a mulher o deixou e toda a esperança dele agora é essa filha que nós lhe vamos tirar. Por isso e muitas coisas mais, tenho pena do velho Euricão, de quem ninguém gosta! Queria lhe dizer isso. Mas não para me justificar, pode ir para o inferno, com sua mania de mandar e sua desconfiança!

PINHÃO — Mas Caroba...

CAROBA — Vá se danar, Pinhão.

PINHÃO — Está bem, depois não se arrependa. Você não sabe o que está perdendo, principalmente agora.

CAROBA — Por que principalmente agora?

PINHÃO — Por causa de tudo o que eu agora sei, dos lugares, dos planos, dos sonhos e dos desejos desse velho com quem você está estragando sua compaixão.

CAROBA — Que é que você quer dizer?

PINHÃO — Nada.

CAROBA — Que é que você sabe?

PINHÃO — Nada.

CAROBA — Ai, Pinhão, me diga!

PINHÃO — Não posso, estou sem tempo e sem vontade.

CAROBA — O que é que você vai fazer, Pinhão?

PINHÃO — Vou me danar, Caroba. Adeus! (*Sai CAROBA.*) Pois sim! Disse o velho que o sangue dele está em segurança e o mundo dos mortos é um mundo tranquilo! Mas não há sangue que não se possa derramar e há mortos que ressuscitam! Ao cemitério! Desta vez eu enriqueço, nem que seja à custa de minha caveira! (*Sai.*)

FIM
DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO





*Mesma sala. Entram CAROBA e MARGARIDA.
CAROBA aponta a MARGARIDA um lugar qualquer
onde ela deve se esconder. MARGARIDA assente com
a cabeça e se esconde. Então CAROBA joga um
pacote que deverá conter o vestido, de que depois ela
virá a precisar, atrás de um móvel qualquer.
Um barulho de fim de jantar e vozes que se
aproximam. CAROBA se esconde no mesmo
lugar com MARGARIDA. Entram EURICÃO,
BENONA e EUDORO.*

EURICÃO — Meu caro Eudoro, espero que o jantar lhe tenha agradado.

EUDORO — Muito, Eurico, muito. Se não fosse pelo jantar, a companhia...

BENONA — Sempre delicado!

EURICÃO — Infelizmente tenho que me recolher. Não tome isso como uma desatenção, é um velho hábito.

EUDORO — Desatenção nenhuma, Eurico, eu também durmo cedo. E, mesmo, Benona está aqui.

EURICÃO — Ah, é assim, hein? Você tem razão, ela fará as honras da casa muito melhor do que eu. Mas vocês não demorem muito tempo aqui.

BENONA — Não seja tão severo, Eurico.

EURICÃO — Todo cuidado é pouco, todo cuidado é pouco!

EUDORO — Mas sendo eu noivo...

EURICÃO — Mesmo assim, Eudoro, mesmo assim! Até amanhã! Euricão Arábe dorme hoje tranqüilo, finalmente livre da tirania desse santo sem confiança, que ia causando minha perdição.

BENONA — Não diga isso, meu irmão!

EURICÃO — Digo, minha irmã, digo porque é verdade! Eu vou esperá-la, venha arrumar meus lençóis, como sempre fez desde que minha mulher... desde que comecei a precisar de Santo Antônio. Não demore muito, eu a chamarei. Boa noite, Eudoro.

EUDORO — Boa noite, Eurico. (*Sai EURICÃO.*)

EUDORO — O que foi que ele quis dizer? Quando disse que começou a precisar de Santo Antônio?

BENONA — Foi quando a mulher dele nos deixou. Você ainda se lembra dela?

EUDORO — Quando comecei a freqüentar sua casa ela já tinha fugido.

BENONA — É verdade, foi no começo do nosso namoro.

EUDORO — Para que falar mais nisso? Você mesma não disse que tudo estava enterrado?

BENONA — É verdade, mas com o que aconteceu hoje...

EUDORO — Muitas voltas o mundo dá!

BENONA — Mas é por isso mesmo que não me incomodo de tocar nessas coisas. Em outras circunstâncias, era um assunto muito doloroso para mim. Mas agora...

EUDORO — É, talvez você tenha razão. É melhor do que ficar com essa história pendendo eternamente entre nós. Se as circunstâncias tivessem sido outras...

BENONA — Reconheço que a maior parte da culpa foi minha. Mas eu era tão moça, tão sem conhecimento das coisas, Eudoro! Você se lembra da noite que passei em sua fazenda com Eurico?

EUDORO — Como havia de não me lembrar? Foi desde aquele dia que você me deixou. Por que foi aquilo, Benona? Eu nunca pude me conformar com aquele silêncio, de repente, sem uma explicação!

BENONA — Eu era muito moça, Eudoro. Eurico não me deixava sair para lugar nenhum, eu não conhecia o mundo, não conhecia você direito, nada! Bem, naquela noite em sua casa... Você sabe o que foi, fiquei com medo de você.

EUDORO — Mas Benona, foi só por causa daquilo? E você, por tão pouco, estragar nosso casamento! Se eu soubesse, teria vindo e falado de tal maneira, que você me perdoaria e teria talvez casado comigo.

BENONA — Ah, Eudoro, é verdade?

EUDORO — E você não me dar uma explicação, me deixar no engano de que era algum empecilho de sua parte, mesmo!

VOZ DE EURICÃO — Benona!

BENONA — É Eurico, tenho que ir. Até mais tarde, Eudoro.

EUDORO — Até amanhã, Benona.

BENONA — Até amanhã? É verdade, você tem razão, é mais prudente dizer assim.

VOZ DE EURICÃO — Benona! Benona!

BENONA — Já vou! Até amanhã, então, fingido! (*Sai.*)

CAROBA *sai do esconderijo, pelas costas de*
EUDORO, *e fala de uma porta, como*
se tivesse entrado por ela.

CAROBA — Seu Eudoro!

EUDORO — Caroba! Eu já vou! Está combinado? Margarida sabe de tudo?

CAROBA — Sabe e está de acordo.

VOZ DE EURICÃO — Caroba, tranque as portas, a rua está cheia de ladrões!

CAROBA — Está certo, Seu Euricão, vou trancar tudo. Vou trancar as portas e depois destrancar uma, é por essa que o senhor volta.

EUDORO — Você esperará também?

CAROBA — Eu? Por que eu? Quem vai esperá-lo é gente muito melhor do que eu. Por aqui, Seu Eudoro. Volte e não tenha cuidado, que tudo vai dar mais certo do que o senhor imagina!

Sai EUDORO, MARGARIDA sai do esconderijo.

MARGARIDA — Por que você não aproveitou a deixa da desistência, mulher?

CAROBA — Mas logo agora que tudo vai dar certo?

MARGARIDA — Não suporto mais essas agoniias de jeito nenhum. Que jantar mais angustiado! De vez em quando Tia Benona dizia uma frase perigosa, papai outra... Eu via a hora de se descobrir tudo. Será que esta história vai dar certo, Caroba?

CAROBA — O casamento de Seu Eudoro com Dona Benona dando, o resto vem na esteira, o seu com Seu Dodó, e até o meu com o moleque do Pinhão.

MARGARIDA — Você gosta muito dele, não, Caroba?

CAROBA — Gosto, Dona Margarida! Agora, por que, não sei, porque aquilo é safado que fede! Mas hoje ele vai me pagar o novo e o velho. A senhora trouxe o vestido?

MARGARIDA — Trouxe, tome. Tome e assuma a responsabilidade. Se essa confusão toda acabar meu casamento, você me paga! Eu me vingo de você!

CAROBA — Danou-se, Dona Margarida!

MARGARIDA — Depois não diga que não avisei, está ouvindo? Passe bem, Caroba. Espero que tudo dê certo, tanto no meu interesse como no seu.

CAROBA — Espere, Dona Margarida! É melhor eu trancá-la. Não tenho confiança em homem nenhum nesse mundo e muito menos em Seu Eudoro. A senhora não viu o que ia acontecendo com Dona Benona? Entre que eu trancarei a porta.

MARGARIDA — Está bem.

Entra no quarto e CAROBA tranca a porta, guardando a chave.

CAROBA — O negócio começa a caminhar. Mas, meu Deus, a confusão vai ser a maior do mundo. O vestido, aqui. (*Esconde o vestido que recebeu de MARGARIDA.*) Falta alguma coisa, meu Deus! Ah, sim, a vítima! Dona Benona! Crote, crote, crote! Dona Benona!

Entra BENONA.

BENONA — Caroba! Ouvi o sinal! Então?

CAROBA — Está tudo combinado. E Seu Euricão?

BENONA — Dormindo como uma pedra.

CAROBA — Dona Margarida também já se deitou.

BENONA — Você conseguiu o vestido dela?

CAROBA — Ainda não, estava esperando exatamente que todo mundo adormecesse.

BENONA — Qual foi a combinação com Eudoro?

CAROBA — A senhora fica em seu quarto. Eu vou escutar na porta de Seu Euricão, depois na de Dona Margarida. Se eles estiverem agarrados no sono, eu tiro o vestido de

Dona Margarida e vou entregá-lo à senhora. Aí destranco a porta de entrada e fico esperando Seu Eudoro. Quando ele vier, canto como gria, chamo a senhora e desapareço.

BENONA — Mas não desapareça para muito longe não, está ouvindo, Caroba?

CAROBA — Estou, Dona Benona, eu fico por perto. Se precisar, grite, que eu venho. Entre, se embeleze, trate Seu Eudoro com carinho e deixe o resto que eu garanto.

BENONA — Então eu vou. E que Santo Antônio nos proteja, Caroba!

CAROBA — Amém, Dona Benona.

Sai BENONA.

CAROBA — Amém, Dona Benona, porque bem precisadas andamos disso. O que eu não sei é se Santo Antônio vai querer se meter numa história dessa!

Entra atrás de algum móvel, ou biombo, e veste o vestido de MARGARIDA, se possível por cima do seu, para tornar possíveis mudanças rápidas. Ela abaixa as luzes, ajeita o cabelo, tudo isso enquanto vai falando e mudando a roupa.

CAROBA — Será que vai, meu santo? Acho que vai dar bem. Com a luz assim, com o cabelo ajeitado, estou uma Dona Margarida bem apreciável. E agora, meu Deus? (*Destranca a porta e escuta no quarto do velho.*) Até já, Santo Antônio, e veja lá o que pode fazer por nós. Não estou metendo o senhor em molecagem não! Assim que Seu Eudoro entrar no quarto de Dona Benona, eu dou o alarme e ele se compromete, a simples entrada no quarto basta. De modo leve isso em conta e trate de me ajudar. (*Sai.*)

Entra PINHÃO, com um grande saco de estopa, velho e sujo, no qual carrega a porca.

PINHÃO — Ô lírio, ô lírio, ô lírio,
ô lírio como é?
Bom almoço, boa janta,
boa ceia e bom café,
da roseira eu quero o galho,
do craveiro eu quero o pé.

Agora, é assim, Santo Antônio, meu velho, "bom almoço, boa janta, boa ceia e bom café". Mas ali onde diz "da roseira eu quero o galho, do craveiro eu quero o pé", agora é assim: "da porquinha eu quero as tripas, quero pá, cabeça e pé". Sou o homem mais rico do mundo, Santo Antônio, trate de me agradar de hoje em diante. Não há como um dia atrás do outro e uma noite no meio. O velho Engole-Cobra, de tanto engolir cobra, terminou achando uma que o engolisse. Ra, ra! Plantou o roçadinho dele, mas quem arrancou o milho foi Pinhão.

VOZ DO DODÓ — (Fora.) Pinhão, é você?

PINHÃO — (Trancando rapidamente a porta.) Calma lá, Seu Dodó! Deve ser Seu Dodó! Seu Dodó o quê? Deve ser Dodó, Dodó Boca-da-Noite! Agora é assim! Espere lá, Dodó Boca-da-Noite! É melhor guardar o saco! (Beija a Porca e esconde-a no socavão.)

DODÓ — (Fora.) Pinhão!

PINHÃO — Já vou, já vou, Dodó! Por causa de pressa, morreu zé apressado. Você não perde por esperar. (Desstranca a porta. Entra DODÓ.)

DODÓ — Então?

PINHÃO — Então o quê?

DODÓ — Vai tudo bem, Pinhão?

PINHÃO — Vai tudo ótimo, Dodó.

DODÓ — Margarida apareceu?

PINHÃO — Ai, e ela agora deu para aparecer, feito alma, foi?

DODÓ — Deixe de brincadeira, viu? Cadê Margarida? Onde está Caroba?

PINHÃO — Eu vou lá perder meu tempo com o que essas mulheres andam fazendo!

DODÓ — O que é que você está dizendo, Pinhão?

PINHÃO — Isso que você está ouvindo, Dodó!

DODÓ — Você bebeu?

PINHÃO — Não, mas comi!

DODÓ — Comeu o quê?

PINHÃO — Porca!

DODÓ — Deve ter lhe feito mal, Pinhão!

PINHÃO — Pelo contrário, fez um bem danado, Dodó!

DODÓ — Você pode me dizer o que foi que meteu na cabeça?

PINHÃO — E você pode me dizer o que é que tem a ver com isso?

DODÓ — Você vai... Chi, ouvi um barulho! Esconda-se, é o velho! (*Tranca a porta de entrada.*)

Entra EURICÃO, de camisão, com um candeeiro e uma pá.

EURICÃO — Ai, terá sido pesadelo? Acordei com os fantasmas puxando meu pé, meu santo! Mas é preciso ir de qualquer modo, tenho que enterrar a porca. (*Sai.*)

Voltam DODÓ e PINHÃO.

DODÓ — Entendeu alguma coisa?

PINHÃO — Eu não lhe disse que esse velho era maluco?

DODÓ — Sair a essas horas, de camisão, para o cemitério, atrás de uma porca! Que diabo de porca será essa?

PINHÃO — Alguma porca que fugiu daí do quintal.

DODÓ — E o velho Euricão tem lá nada para fugir, homem?

PINHÃO — Então é capaz dele estar dormindo ainda. Além de todas as qualidades ruins que possui, esse peste ainda deve ser sonâmbulo!

DODÓ — Pinhão, sinceramente, estou certo de que você tem alguma coisa! Você está doente!

PINHÃO — Agora sou eu quem digo: Cuidado! Vem gente aí e parece que é sua noiva. Ou melhor, sua madrasta. Candidata a madrasta, noiva de seu pai!

DODÓ — Esconda-se, idiota! (*Escondem-se.*)

Entra CAROBA, vestida de MARGARIDA.

CAROBA — Tudo pronto. Agora, só falta o noivo.

DODÓ — O noivo está aqui.

CAROBA — Seu Eudoro?



DODÓ — Não, sou eu, Margarida! Sou eu, que vim me certificar de sua traição!

CAROBA — (*Trancando a porta.*) Mas Seu Dodó...

DODÓ — Não me chame assim, pelo amor de Deus!

CAROBA — O senhor não sabe de nada e veio foi atrapalhar tudo!

DODÓ — Tudo está esclarecido.

VOZ DE EUDORO — (*Fora.*) Margarida!

CAROBA — Meu Deus, é seu pai. Que é que eu faço agora, meu Deus? Com esta eu não contava! Entre aqui neste quarto, é o jeito.

DODÓ — Nunca! Vou ficar e contar tudo a meu pai!

CAROBA — Homem, quer saber do que mais? Entre e não converse mais não! (*Empurra DODÓ no quarto de MARGARIDA e tranca a porta. Enquanto fala, tira o vestido de MARGARIDA.*)

CAROBA — Santo Antônio, o senhor vai me desculpar, mas foi um imprevisto! No quarto de Dona Benona é que eu não podia empurrá-lo. Mas eu destranco já a porta!

VOZ DE EUDORO — Margarida!

CAROBA — Já vou, espere um pouco! Diabo de homem mais apressado! (*Bate no quarto de BENONA, cantando como giao.*)

CAROBA — Tia Benona! Tia Benona! Crote, crote, crote, tia Benona!

BENONA — (*Saindo.*) Ave Maria, estive em tempo de me acabar de medo!

CAROBA — Não perca tempo, que o homem está aí!

BENONA — Meu Deus!

CAROBA — Tome o vestido! Me dê o seu! Logo, mulher!

VOZ DE EUDORO — Margarida!

CAROBA — Já vou! Isto, agora, fique aí e espere. Me dê a chave do quarto.

BENONA — Pra quê?

CAROBA — Não discuta mais, mulher de Deus! Vou abrir!

BENONA — Está bem, mas não saia daí! (*Entra no quarto e CAROBA tranca-a, vestindo rapidamente o vestido dela.*)

CAROBA — Nossa Senhora, eu hoje estufo de tanto mudar vestido!

VOZ DE EUDORO — (*Impaciente.*) Como é, Margarida?

CAROBA — Espere, homem, espere! (*Destranca a porta, com o vestido de BENONA.*)

EUDORO — Eu... Benona, é você?

CAROBA — (*Imitando a voz e os gestos de BENONA.*) Sou, Eudoro.

EUDORO — Margarida...

CAROBA — Margarida está dormindo. Dorme o sono profundo de sua juventude, Eudoro. E eu vim esperá-lo, como fiz tantas vezes, no tempo em que ainda nos amávamos!

EUDORO — Mas Benona, isso não fica bem!

CAROBA — Não fica bem, por quê? Você está esquecido de tudo o que aconteceu?

EUDORO — Você mesma disse que tudo aquilo estava morto e enterrado.

CAROBA — Você acha, Eudoro? Então um amor como aquele pode morrer? Você pensa que eu não vi como estava preocupado quando saiu daqui? Eu também saí com o coração sangrando, Eudoro.

EUDORO — Mas Benona... Mesmo que estivéssemos sentindo isso, agora seria tarde. Estou noivo de sua sobrinha. Por que você não me disse tudo? Agora, Margarida...

CAROBA — Deixe lá Margarida, homem de Deus! Você não vê o ridículo em que vai cair? Ela podia ser filha sua, podia ser sua nora!

EUDORO — Pensei nisso, Benona, mas você não sabe como eu me sentia solitário! Agora, estou noivo!

CAROBA — Que noivo que nada! Para mim, o que existe é nosso amor! Entre neste quarto!

EUDORO — Benona!

CAROBA — Que Benona que nada, entre e deixe de conversa!

EUDORO — Mas Benona, podem falar de nós!

CAROBA — Falar o quê? Que é que você está pensando? Que eu vou tentar contra você o que você tentou contra mim, é? Eu sou uma mulher séria, Eudoro, incapaz de atentar contra os viúvos honestos!

EUDORO — Você é incomparável, Benona, como você nunca existirá outra!

CAROBA — Então entre. Entre e tudo se explicará! (*Dá uma pancada nele, com o próprio traseiro, empurrando-o.*)

EUDORO entra, CAROBA fecha a porta.

CAROBA — Pronto, agora é chamar o velho. Do jeito que as coisas estão, ele terá que fazer os dois casamentos. E vamos logo, Santo Antônio, antes que seja tarde e aconteça alguma coisa, senão eu estou complicada com Nossa Senhor! (*Sai. PINHÃO sai do esconderijo.*)

PINHÃO — Que confusão mais danada é essa, meu santo? Dona Margarida e Dona Benona a trancar homens nos quartos! Aqui há alguma coisa. Vou tirar as chaves e ver se me aproveito da situação! Epa, vem gente! (*Esconde-se.*)

Entra CAROBA, ainda com o vestido de BENONA.

CAROBA — Onde diabo o velho se meteu? Vou abrir! Ai meu Deus, onde estão as chaves? Que é que faço, meu Santo Antônio? O jeito é gritar que tem incêndio! O povo corre e o velho vai ter que fazer os casamentos! Vou gritar, é o jeito! Ou é melhor tocar fogo nas cortinas? (*PINHÃO sai do esconderijo.*)

PINHÃO — Dona Benona, eu...

CAROBA — Você o que, safado! Que é que está fazendo em minha casa, espionando, de noite?

PINHÃO — Alto lá, veja como fala! Pensa que eu não ouvi sua conversa aqui com Seu Eudoro não, é? Então a senhora se vira quando o povo dorme, hein?

CAROBA — O que, moleque?

PINHÃO — É isso mesmo, Dona Benona! Mas não precisa se zangar não, eu sou de toda confiança! Pode confiar em mim, por esta boca ninguém saberá de nada! Acho perfeitamente natural que a senhora, que é livre e independente, queira se divertir um pouco! E se Dona Benona não reparasse, eu até lhe dizia uma coisa!

CAROBA — Não reparo não, Pinhão, pode dizer!

PINHÃO — A senhora pode já ter passado a primeira mocidade, mas eu lhe digo uma coisa, Dona Benona, é nesse tempo que eu acho as mulheres mais bonitas! E a senhora pode não ser mais muito moça, mas é enxuta que faz gosto!

CAROBA — (À parte.) Ah, safado!

PINHÃO — A senhora não estava procurando as chaves?

CAROBA — Estava!

PINHÃO — Eu tirei todas duas! Pelo que a senhora disse, elas são muito importantes. Assim, a gente podia fazer um acordo. Eu lhe dava as chaves e... A senhora não repare não, mas já que estamos aqui e Seu Eudoro dormiu no ponto, a gente bem que podia entrar num acordo e fazer um amorzinho, para passar o tempo!

CAROBA — Você está muito enganado! Eu estava deixando você falar, para ver até onde ia seu atrevimento! Mas vou gritar! Vou gritar e você vai se arrepender da graça!

PINHÃO — Ai, a porca! Não grite não, Dona Benona! Não grite não, que eu retiro o que disse! Tome as chaves, Dona Benona!

CAROBA — As chaves? Ah, não, agora quem não quer as chaves sou eu! Vou chamar o Delegado! Vou gritar!

PINHÃO — Pelo amor de Deus, não grite não, Dona Benona!

CAROBA — Então venha para cá! Quero lhe dar uma surra por seu atrevimento!

PINHÃO — Mas Dona Benona, a senhora me interpretou mal!

CAROBA — Vou gritar! PINHÃO — Ai não, eu vou!

CAROBA — Ajoelhe-se! Isto! Agora, tome! Tome, tome, e tome! Tome, para deixar de ser safado! Um sujeito como você, que devia dar graças a Deus por ter uma noiva como Caroba, com essas molecagens para as senhoras de respeito! Tome, safado!

PINHÃO — Ai, ai, ai! Ai, Dona Benona!

CAROBA — Vou parar! Mas vou por causa de Caroba, está ouvindo? Aquilo é uma santa, gosto tanto dela!

PINHÃO — Eu também, Dona Benona!

CAROBA — Devia gostar mais, safado! Você devia beijar os pés de Caroba todo dia, porque aquilo é uma santa! Agora, fique aí. Eu vou chamá-la.

PINHÃO — Mas Dona Benona, o que é que a senhora vai dizer a Caroba?

CAROBA — Não tenha medo, sua sujeira fica em segredo! Você acha que eu iria magoar aquela moça maravilhosa que gosta de você não sei mesmo por quê? Fique aí. Senão eu descubro tudo!

PINHÃO — Pode ficar descansada, eu daqui não saio.

CAROBA — Pois então eu vou chamar Caroba, aquela santa! (*Com PINHÃO de costas, entra atrás do biombo, já tirando o vestido.*)

PINHÃO — (Só.) Ah, arábe miserável! Em que diabo fui me meter, meu Deus? Ia perdendo a porca, por causa da mulher! Mas ela bem que valia a pena, sabe? Pode não ser mais muito moça, mas que está enxuta, isso está!

CAROBA — (Chegando para perto.) Muito bem, senhor meu noivo!

PINHÃO — Quem é? É Caroba?

CAROBA — E quem mais havia de ser, canalha? Peste, miserável, traidor! Olhe o cinismo dele! Moleque, canalha! Ouvi tudo, bandido! Eu estava aqui e vi tudo, sua molecagem com Dona Benona Arábe, seus enxerimentos, sua traição! E se ao menos tivesse coragem! Mas não, levou uma surra da arábe na minha frente! Essa você me paga!

PINHÃO — Mas Caroba, eu...

CAROBA — Cale a boca, bem caladinho, está ouvindo? Porque agora você vai levar umas tapas!

PINHÃO — Eu? Mas Caroba!

CAROBA — Vai e sou eu que dou!

PINHÃO — Mas eu não já levei a surra de Dona Benona?

CAROBA — Aquela foi a dela, agora se prepare que lá vai a minha! (Dá-lhe algumas tapas.)

PINHÃO — Ai, Caroba, ai Carobinha, ai Carobinha do meu coração! (Consegue beijá-la por entre as tapas, abraça-a, CAROBA vai diminuindo as tapas, retribui o beijo, depois o abraço.)

CAROBA — Safado!

PINHÃO — Beleza!

CAROBA — Pinhão!

PINHÃO — Caroba! Agora, podemos casar! Vamos casar amanhã e você vai ser a mulher mais rica daqui!

CAROBA — Mentiroso! Ai, as chaves! (Destranca os dois quartos e entra, abraçada com PINHÃO, num terceiro quarto. DODÓ e MARGARIDA saem do quarto.)

MARGARIDA — Está vendendo? Está aberta! Graças a Deus! Você está zangado comigo, meu amor?

DODÓ — Não, pelo contrário, você estava certa e eu fui quem perdi a cabeça.

MARGARIDA — E não vai me desprezar porque eu o repeli?

DODÓ — Pelo contrário, cada vez aprendo a respeitá-la mais. Eu é que devo pedir perdão a você por ter me descontrolado.

MARGARIDA — Cuidado, vem alguém. Entre no quarto, ninguém deve vê-lo.

DODÓ *entra no quarto. Entra PINHÃO, que tira a porca do socavão e volta com ela para o quarto.*
MARGARIDA *vê quando ele passa. Entra no porão e MARGARIDA se esconde. PINHÃO volta e entra no quarto em que estava com CAROBA, de saco às costas. Volta DODÓ.*

DODÓ — Quem era?

MARGARIDA — Era Pinhão, carregando um troço nas costas. Que é que ele terá vindo fazer aqui a essas horas?

DODÓ — Veio comigo, vigiar Caroba. Eu e ele, com ciúme, combinamos vir, quando Caroba destrancasse a porta!

VOZ DE EURICÃO — *(Fora.) Ai, ai!*

DODÓ — Quem é? Veja na janela!

MARGARIDA — É papai! Meu Deus, ele viu tudo!

DODÓ — Por que você diz isso?

MARGARIDA — Está com a cabeça encostada na janela de meu quarto, chorando! Certamente viu você no meu quarto! Meu Deus, estou perdida!

DODÓ — Acalme-se, meu amor! Entre aqui comigo. Vamos ver se é possível apurar o que ele viu. Depois a gente sai, fala com ele e explica tudo! {MARGARIDA e DODÓ *se escondem. Entra EURICÃO.*}

EURICÃO — Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais para onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo! Não, é demais para mim! *(Cai desfalecido, chorando. Entram DODÓ e MARGARIDA.)*

DODÓ — Seu Eurico!

EURICÃO — Quem me fala?

DODÓ — Um desgraçado!

EURICÃO — Pois está falando com outro! Eu me tornei desgraçado por causa de um acidente funesto.

DODÓ — Console-se.

EURICÃO — Consolar-me? Como?

DODÓ — A culpa foi minha, fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

EURICÃO — O quê? Quem é? Dodó? Que é que você está me dizendo?

DODÓ — A verdade!

EURICÃO — Você! Foi você, cachorro, canalha, cobra que eu guardava em minha casa para me assassinar! Que mal tinha eu lhe feito para você me tratar assim?

DODÓ — Foi ao mesmo tempo um acaso e uma necessidade, Seu Euricão!

EURICÃO — Acaso e necessidade! Isso pode lá justificar um ato como esse, assassino?

DODÓ — Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me perdoe.

EURICÃO — Como é que você teve coragem de tocar naquilo que não lhe pertencia?

DODÓ — Espere aí! Apesar das circunstâncias serem um tanto esquisitas, o que aconteceu foi coisa sem importância! O que eu toquei nela foi muito pouco!

EURICÃO — O que, canalha? Tanto assim que se você tocasse em meu tesouro, seria um crime inominável! Com que direito você foi tocar naquilo que era meu?

DODÓ — A culpa foi das circunstâncias. E eu não já vim pedir desculpas?

EURICÃO — Não gosto desses criminosos que prejudicam os outros e depois vêm pedir desculpas! Você sabia que ela não era sua, não devia ter tocado nela!

DODÓ — Mas eu não já disse que o que aconteceu foi coisa tola?

EURICÃO — Coisa tola o quê? Você não veio confessar? E depois, de repente, começa a se desdizer, dizendo que não tocou nela! Como é, tocou ou não tocou?

DODÓ — Bem, tocar, toquei, mas não foi nada que pudesse ofendê-la. Mas já que o senhor considera essa tolice um crime, por que não aceita os fatos e não me dá de vez esse tesouro?

EURICÃO — Como é, assassino? Você quer ficar com meu tesouro? Contra minha vontade?

DODÓ — Eu não estou lhe pedindo? A coisa que eu mais desejo no mundo é ficar com ela!

EURICÃO — Você? Ficar com ela?

DODÓ — Sim.

EURICÃO — Ah, não, você tem que devolver!

DODÓ — Devolver? Eu não já disse que não tirei nada? Devolver o quê?

EURICÃO — Aquilo que me pertencia e que você tirou!

DODÓ — Que eu tirei? De onde? Afinal, o que é que você quer?

EURICÃO — (*Irônico, amargo.*) Você não sabe?

DODÓ — Você não diz!

EURICÃO — O que eu quero é minha porca que você confessou ter roubado!

MAGRIDA — Ai, meu Deus, por que o senhor me insulta?

DODÓ — Isso é coisa que o senhor diga? Porca por quê? Sua filha é a mais pura das moças, portou-se com toda a prudência e o senhor a trata com essa grosseria!

EURICÃO — Minha filha? Que é que minha filha tem a ver com isso? Que é que você está fazendo aqui, Margarida?

MAGRIDA — Mas papai, eu não...

DODÓ — Não é ela que o senhor está reclamando?

EURICÃO — Olhe a inocência do ladrão! O que eu quero é minha porca, cheia de dinheiro, que você confessou ter roubado!

DODÓ — Uma porca?

MAGRIDA — A porca?

DODÓ — Cheia de dinheiro? Que diabo de confusão é essa? Eu seria lá capaz de roubar ninguém! Que é que o senhor está pensando?

EURICÃO — Ah, então nega!

DODÓ — Claro que nego! Nunca imaginei que o senhor guardasse dinheiro dentro de porca nenhuma!

EURICÃO — (*Súplice.*) Me dê minha porquinha que você tirou do cemitério da igreja! Você a roubou, mas eu não o denunciarei e lhe dou a metade do dinheiro que ela tem dentro! A metade não, seria uma injustiça, afinal de contas, quem juntou o dinheiro fui eu, não é? Um terço é muito, você leva um quarto e me devolve o meio, como comissão por eu ter tido o trabalho. Faça o que quiser, mas me dê minha porquinha!

DODÓ — Como é que eu posso lhe dar a porca se não sei onde está?

EURICÃO — Está bem, quem gosta de você é a polícia. Vou gritar! Acordem! Acordem! Acordem todos! Pega, pega o ladrão!

CAROBA e PINHÃO *saem do quarto.*

PINHÃO — Que é isso?

CAROBA — Que é isso, Seu Euricão?

EURICÃO — Foi esse ladrão, foi esse ladrão que entrou na minha casa para me roubar!

DODÓ — Mas para roubá-lo como, se não sei nem notícia de sua porca!

EURICÃO — Não sabe o que, safado! Você mesmo não disse que tinha sido a causa de minha desgraça?

CAROBA — Um momento, Seu Euricão, eu sei o que foi que ele quis dizer.

EURICÃO — Que foi?

CAROBA — Ele disse que foi a causa de sua desgraça porque comprometeu sua filha para o resto da vida. Esse tal de Seu Dodó entrou aqui, nas caladas da noite, iludiu Dona Margarida não sei de que jeito, e trancou-se com ela aí nesse quarto. Eu vi tudo!

EURICÃO — Ai! É verdade?

MARGARIDA — É, papai, mas...

EURICÃO — Era isso que você estava confessando?

DODÓ — Era.

EURICÃO — Ainda mais essa! Por cima de queda, coice! Canalha, safado, por que você não disse logo? Por que deixou que eu confessasse meu segredo?

DODÓ — A culpa foi sua, era eu falando da filha e o senhor pensando na porca!

EURICÃO — Ai, a porca! Juntei dinheiro a vida inteira, para a velhice, e agora perco, num dia só, a porca e a filha!

CAROBA — E vá logo se preparando para perder a irmã também porque a situação de Dona Benona é muito difícil!

EURICÃO — Benona? Que há?

CAROBA — Seu Eudoro resolveu matar saudades e está aí, trancado nesse quarto, com ela. Eu vou sair desta casa, porque para falar com franqueza, nunca pensei em ver tanto escândalo num dia só!

EURICÃO — Não é possível! Eudoro e Benona aqui!

Entram EUDORO e BENONA.

EUDORO — É verdade, Eurico. E se você não se ofendesse, eu queria lhe pedir a mão de Benona em casamento.

EURICÃO — E você não já pediu?

EUDORO — Não!

EURICÃO — Quer me levar ao ridículo, é, Eudoro? Faz uma coisa dessa, compromete minha irmã e ainda vem com pilhérias, logo agora que ela foi roubada!

BENONA — Quem, eu?

EURICÃO — Não, a porca! Ai, a porca!

EUDORO — Mas Eurico, eu...

CAROBA — Um momento, um momento, quem fala sou eu. O senhor já se explicou com Dona Benona, não foi?

EUDORO — Foi.

CAROBA — A senhora também já entendeu tudo, não foi?

BENONA — Já!

CAROBA — Entendeu o noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo?

BENONA — O noivado, a confusão, laralá, laralá, tudo!

CAROBA — Então, viva! O senhor consente no casamento de Seu Eudoro com Dona Benona, não é, Seu Euricão?

EURICÃO — Consinto, não! Exijo! Agora, ou ele casa, ou morre! Ai, Santo Antônio, ela está perdida!

BENONA — Eu?

EURICÃO — A porca! Mas vocês dois agora casam, e tem que ser já!

CAROBA — Pois então, eles casam amanhã. O senhor ganhou um grande cunhado, Seu Euricão!

EURICÃO — Mas perdi a porca! Ai, a porca! Ai, a porca! E ainda por cima o que aconteceu com meu patrimônio!

PINHÃO — Seu patrimônio? Qual? A porca?

EURICÃO — Não, Margarida! Benona está garantida, mas essa aí me arranjou um genro corcunda e de boca torta, um miserável que não tem nem onde cair morto! Mas ele me paga! Mato esse miserável, quebro-lhe a cara! Tome, safado, tome! Que é isso? A barba!

EUDORO — Dodó! Você aqui?

DODÓ — Sou eu, meu pai. Peço-lhe que me perdoe, mas deixei o estudo. Não havia outro jeito, eu estava apaixonado por Margarida, o senhor não queria que eu me casasse. Por outro lado, Seu Euricão só queria casá-la com um homem rico. O jeito foi esse.

EUDORO — Você deixou de estudar?

DODÓ — Deixei. Ajudado por Caroba, entrei aqui, disfarçado, como empregado de Seu Euricão. Ganhei a confiança dele, fingindo que era avarento, e fui ficando até que Margarida correspondeu a meu amor e jurou casar comigo. E agora, tenho que casar, papai, porque apesar de não ter acontecido nada de mais entre nós, ninguém vai acreditar nisso.

EUDORO — Mas esse casamento assim, meu filho!

MARGARIDA — Esse casamento assim o quê? É igual ao do senhor com tia Benona!

EUDORO — Você precisa terminar seu estudo!

DODÓ — Meu pai, eu só gosto no mundo de criar boi. É a única coisa que me dá gosto. Deixe eu me casar! Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história e Margarida fica comprometida!

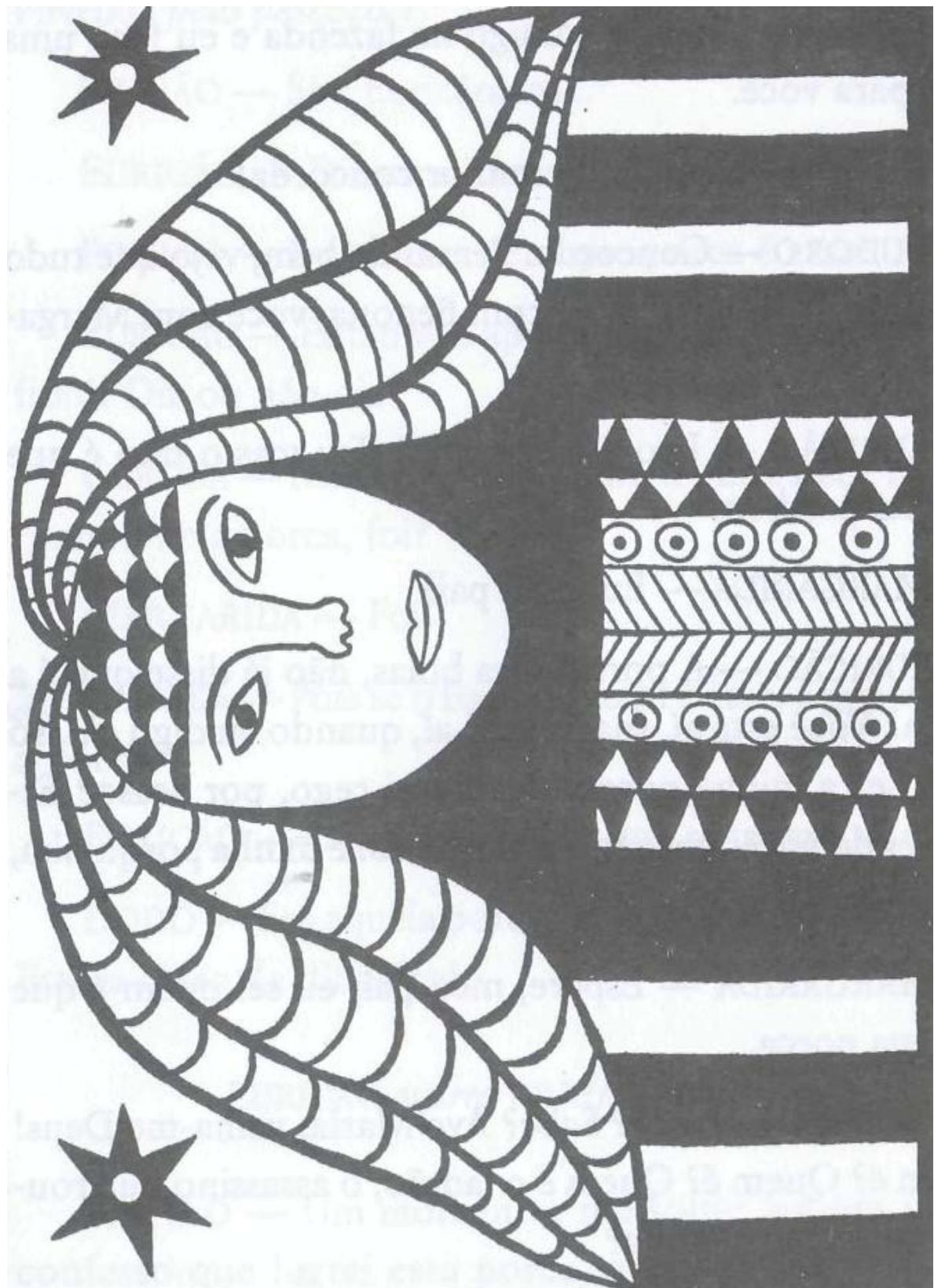
EUDORO — Mas ninguém vai saber de nada, meu filho! Nenhum de nós vai espalhar essa história, que eu sei!

CAROBA — Quem não vai espalhar? O senhor está muito enganado, eu vou espalhar tudinho! Vi tudo, assisti tudo e não estou pronta para sofrer essas humilhações, não! Casa em que eu trabalho, tem que ser casa de respeito, nessas coisas eu sou dura!

EUDORO — Mas Caroba...

CAROBA — Vou começar e é agora! Meu povo...

EUDORO — Você tem razão, é melhor que ele case. Você fica trabalhando comigo na fazenda e eu faço uma casa para você.



DODÓ — Meu pai, o senhor concorda!

EUDORO — Concordo. Pensando bem, vejo que tudo terminou pelo melhor, eu com Benona, você com Margarida.

EURICÃO — Isso é o que você diz, mas o fato é que ela está perdida.

MARGARIDA — Eu, meu pai?

EURICÃO — A porca! Ora bolas, não já disse que é a porca? Você está aí, sua tia está aí, quando eu digo *ela*, só pode ser a minha porquinha! Serei cego, por acaso? Estou vendo vocês, mas agora pergunto: e minha porquinha, onde é que está?

MARGARIDA — Espere, meu pai, eu sei quem é que tem sua porca.

EURICÃO — Você? Sabe? Ave Maria, valha-me Deus! Quem é? Quem é? Quem é o ladrão, o assassino que roubou minha porquinha?

MARGARIDA — É Pinhão, papai!

PINHÃO — Eu?

EURICÃO — Ah, bandido, criminoso, assassino! Agora você me paga! Onde está minha porquinha? (*Agarra PINHÃO pelo pescoço.*)

PINHÃO — Seu Euricão, eu...

EURICÃO — Diz ou não diz?

PINHÃO — Eu não sei nem que porca é essa!

EURICÃO — Então vou apertá-lo até sua alma sair pelo fiofó! Diz ou não diz?

CAROBA — Mas afinal de contas, o que é isso? Pinhão roubou uma porca, foi?

MARGARIDA — Foi.

CAROBA — Pois se o barulho todo é esse, a gente paga a porca!

EURICÃO — E aquilo é porca que se pague, danada?

DODÓ — Era aquela porca velha de madeira, Caroba! Estava cheia de dinheiro!

EURICÃO *agarra PINHÃO de novo.*

PINHÃO — Um momento, me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo, e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se

faz! Mas onde está o salário de todos estes anos em que trabalhamos, eu, meu pai, meu avô, todos na terra de sua família, Seu Eudoro? Onde está o salário da família de Caroba, na mesma terra, Seu Eudoro? Não resta nada! Onde está o salário de Caroba durante o tempo em que ela trabalhou aqui, Seu Euricão? Seu Euricão Engole-Cobra?

EURICÃO — Engole-Cobra é a mãe!

PINHÃO — Nós não temos nada! A coisa que a gente mais deseja na vida, eu e ela, é casar! Até agora, não pudemos. Onde está a minha porca? Ninguém diz nada! Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Euricão? Eu entrego a porca por esses vinte contos.

EURICÃO — Não dou, os vinte contos são meus!

PINHÃO — Então pode chamar a polícia, porque eu não entrego a porca de jeito nenhum. Ela tem cem vezes isso. Com os vinte contos posso comprar uma terrinha. Junto com a do padrinho de Seu Dodó, caso e vou fazer minha vidinha com Caroba.

MARGARIDA — Ceda, papai! Nós devemos tanto a Caroba! Deixe pelos vinte contos! Já que não tem outro jeito e a porca vale mais.

EURICÃO — Está bem, vocês querem assistir à minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! O vale está aqui. Agora vá buscar minha porquinha, pelo amor de Deus.

PINHÃO — Não precisa ir buscar, ela está aqui.

EURICÃO — Aqui?

PINHÃO — Claro, era o último lugar do mundo de que vocês desconfiariam! Está aqui perto, no quarto, atrás de uma mala velha! (*Entra no quarto.*)

DODÓ — E eu que pensava que Pinhão era idiota!

CAROBA — Idiota por quê?

DODÓ — Porque ele só vivia dizendo ditados.

CAROBA — Pois aprenda a conhecer com quem vive, senão o senhor está desgraçado. Uma pessoa capaz de me enrolar como ele pode lá ser idiota, Seu Dodó?

Volta PINHÃO com o saco.

EURICÃO — Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai, minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei

não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!

Afastam-se todos, A cena deve dar idéia da solidão de EURICÃO, solidão que vai crescendo até o fim.

EUDORO — Mas espere...

EURICÃO — Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO — Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO — Guardei, toda a minha vida! Quase toda a minha vida! Desde que minha mulher me deixou! Agora, posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO — Eurico, o dinheiro não é tudo neste mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

EURICÃO — Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

EUDORO — Será melhor dizer mesmo, Eurico?

EURICÃO — Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

EUDORO — Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

EURICÃO — Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

EUDORO — Juro.

EURICÃO — Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antônio, para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim, quero ficar aqui. Trancarei a porta e não a abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossíveis de prever.

EUDORO — Eurico, o mundo não se acabou por causa disso. Você perdeu seu dinheiro, mas ganhou uma experiência e uma família! Acabe com essa idéia de se enterrar vivo!

EURICÃO — Você pensa que está melhor do que eu? A única diferença entre mim e você, Eudoro, é que sua porca ainda está diante de seus olhos. Não, eu estou farto!

MARGARIDA — Seu Eudoro tem razão, papai, o mundo não se acabou. Tudo pode recomeçar, o senhor vende esta casa e vai morar conosco.

EURICÃO — Você não está entendendo nada! E como ficaria eu? Você casa com Dodó, Benona com Eudoro, Caroba com Pinhão. Não vê que eu fico só? No meio disso tudo, com quem casaria eu?

CAROBA — Com a porca. E, se ela não serve mais, com Santo Antônio!

EURICÃO — Estão ouvindo? É a voz da sabedoria, da justiça popular. Tomem seus destinos, eu quero ficar só. Aqui hei de ficar até tomar uma decisão. Mas agora sei novamente que posso morrer, estou novamente colocado diante da morte e de todos os absurdos, nesta terra a que cheguei como estrangeiro e como estrangeiro vou deixar. Mas minha condição não é pior nem melhor do que a de vocês. Se isso aconteceu comigo, pode acontecer com todos, e se aconteceu uma vez pode acontecer a qualquer instante. Um golpe do acaso abriu meus olhos, vocês continuam cegos! Agora vão, quero ficar só!

EUDORO — Adeus, Eurico.

BENONA — Adeus, Eurico.

EURICÃO — Adeus, escravos!

MARGARIDA — Adeus, meu pai.

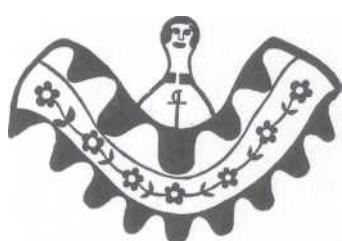
EURICÃO — Adeus, escravos. Saim. Saim todos, escravos!

CAROBA — Adeus, Seu Euricão.

EURICÃO — Adeus, escravos!

Saem todos, menos EURICÃO.

EURICÃO — Bem, e agora começa a pergunta. Que sentido tem toda essa conjuração que se abate sobre nós? Será que tudo isso tem sentido? Será que tudo tem sentido? Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta? Que diabo quer dizer tudo isso, Santo Antônio?

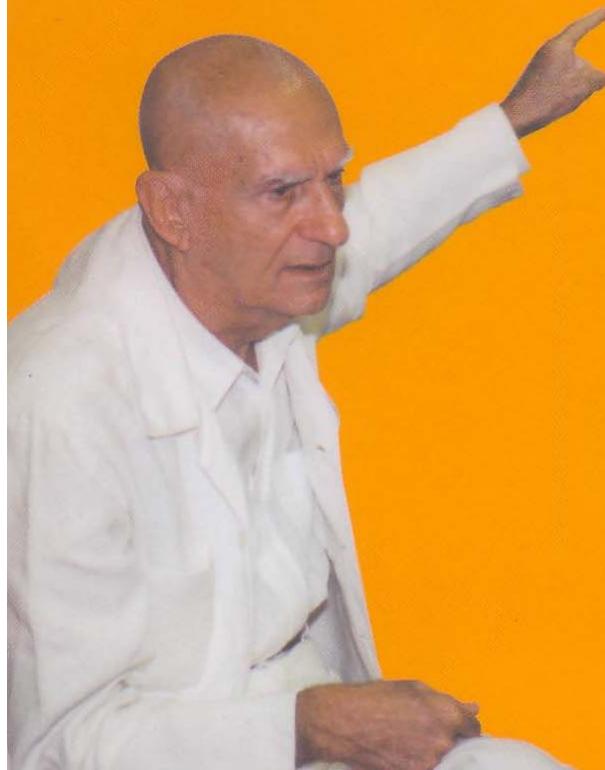


PANO

Recife, 7 de novembro de 1957.

18 de novembro de 1957.

O Santo e a Porca



ISBN 85-03-00716-9

A standard 1D barcode representing the ISBN 85-03-00716-9.

9788503007160

JOSÉ OLIMPIO
EDITORIA